



**TESTEMUNHAS:**

**ENSAIO DE ANÁLISE E DE CRÍTICA DAS MEMÓRIAS DE  
COMBATENTES PUBLICADAS EM FRANCÊS DE 1915 A 1928<sup>1</sup>**

**WITNESS:**

***ANALYSIS AND CRITICISM ESSAY OF COMBATANT MEMORIES  
PUBLISHED IN FRENCH FROM 1915 TO 1928***

**Jean-Norton Cru<sup>2</sup>**

LUIZA HELENA OLIVEIRA DA SILVA  
<https://orcid.org/0000-0001-5886-6809>  
Doutora em Letras pela UFF  
Professora Adjunto da UFNT  
[luiza.to@uft.edu.br](mailto:luiza.to@uft.edu.br)

NAIANE VIEIRA DOS REIS SILVA  
<https://orcid.org/0000-0003-1117-3655>  
Doutora em Letras pela UFNT  
Docente do Instituto Federal do Ceará, campus de Crateús  
[naianeveira@hotmail.com](mailto:naianeveira@hotmail.com)

CAROLINA ALVES RODRIGUES  
<https://orcid.org/0009-0009-7743-0336>  
PROFESSORA DE FRANCÊS  
[carolalvesrodrigues@hotmail.com](mailto:carolalvesrodrigues@hotmail.com)

**Resumo:** Trata-se de tradução de capítulos do livro *Témoins: essai d'analyse et de critique des souvenirs de combattants édités en français de 1915 a 1928*, de Jean Norton Cru (1929 [2016]).

---

<sup>1</sup> Tradução e notas de Luiza Helena Oliveira da Silva (UFNT/CNPq), Naiane Vieira dos Reis Silva (IFCE) e Carolina Alves Rodrigues (professora de francês). Trata-se de tradução de capítulos do livro do historiador francês Jean-Norton Cru (1879 – 1949), combatente na I Guerra Mundial e que se dedicou como investigador aos textos produzidos por aqueles que testemunharam os horrores da guerra, considerando diferentes documentos, principalmente os que seriam editados em livro. A tradução deste trabalho considera a necessidade de que pesquisadores brasileiros tenham facilitado o acesso a uma reflexão fundadora dos estudos do testemunho. O livro é extenso, a versão francesa de que nos utilizamos chega a 610 páginas (CRU, 2016), com fonte pequena e espaço simples, o que dá a dimensão da pesquisa a que se dedicou por anos o historiador. Foram selecionados os capítulos em que Cru elabora sua interpretação crítica a respeito das produções, trata da metodologia que aplicou a sua investigação e tece considerações sobre a literatura antes e depois da Guerra. Deixamos de fora as análises particulares que elabora para centenas de livros. O trabalho de tradução atende aos objetivos de pesquisas em andamento realizadas pelo Grupo de Estudos do Sentido – GESTO (UFNT).

<sup>2</sup> Historiador e escritor francês.



Nesse livro, Cru estabelece linhas fundadoras do que seria definido como literatura de testemunho (*littérature du témoignage*), buscando estabelecer elementos que atestam a “veracidade” dos depoimentos.

**Palavras-chave:** literatura de testemunho; I Guerra Mundial; documentos do testemunho.

**Abstract:** This is a translation of chapters from the book *Témoins: essai d’analyse et de critique des souvenirs de combattants édités en français from 1915 to 1928*, by Jean Norton Cru (1929 [2016]). In this book, Cru establishes the founding lines of what would be defined as testimonial literature (*littérature du témoignage*), seeking to establish elements that attest to the “veracity” of the testimonies.

**Keywords:** testimonial literature; World War I; testimony documents.

## **PREFÁCIO**

A guerra produziu uma massa considerável de documentos... Aos futuros historiadores da guerra, é necessário, se quiserem poder agir e obter resultados, preparar um terreno prévia e progressivamente preparados... A tarefa que ora se oferece, que é como a mais facilmente executável e a mais útil é uma revisão de trabalho e de crítica; e essa própria revisão merece a prioridade, em razão de sua urgência particular, o trabalho bibliográfico... A intervenção bibliográfica terá, pois, um ponto de partida negativo: desqualificar, depois de triagem, um número talvez elevado de publicações, reduzi-las ao máximo até uma quantidade em um repertório. Mas ela terá também um ponto de partida positivo: será bem ativa. Deverá colocar em destaque as obras essenciais<sup>3</sup>. Inspirei-me nessas ideias e meu presente trabalho o coloca em prática, mas com um luxo de detalhes com os quais nenhum historiador sonhava, porque em seu pensamento, tratava-se de uma classificação de muitos milhares de artigos enquanto o domínio bem limitado de meu estudo mal chega a 300. Elaborei profundamente um pequeno campo. Para serem úteis, tais trabalhos deviam aliar a precisão dos detalhes e o rigor do método à objetividade. Buscarão querelas sobre este ponto, dir-se-á talvez que por não ser muito objetivo meu trabalho não tem valor científico. Mas o leitor atento não pensará em me julgar equivocado quanto às palavras. Não sou subjetivo na medida em que, como testemunha, julgo testemunhos. Quem, portanto, seria melhor mesmo para fazer uma primeira triagem das

---

<sup>3</sup> Pierre Caron, na *Revue de Synthèse Historique*, tome 33, 1921, p. 6-11.



narrativas dos combatentes que um de seus irmãos de armas contanto que seja honesto e paciente em suas pesquisas? Como um não-combatente de nossos dias ou do futuro poderia fazer certas críticas que encontrará aqui e que somente elas podem estabelecer que certos testemunhos são duvidosos? Os pequenos fatos significativos da trincheira constituem um domínio fechado, conhecido daqueles únicos que viveram a vida do *poilu*<sup>4</sup>. No tribunal e em outros lugares não se pode ser juiz e parte implicada. Mas se não for excepcional nosso assunto quanto a essa regra, é preciso renunciar a todo estudo sério dos testemunhos pessoais dos combatentes e se resignar a ignorar a guerra tal como ela foi para os que nela estavam como testemunhas-atores, isto é, a guerra naquilo que ela tem de mais íntimo, de mais concreto, de mais humano, de mais essencialmente observável. Na minha preocupação com a exatidão, treinado aliás pelo rigor de meu método, fui levado a julgar os atores mortos há muito tempo, como M. Bédier julga Chateaubriand. Poder-se-á achar isso brutal, talvez cruel. Desculpo-me bem humildemente junto àqueles que poderei ter machucado, mas em verdade eu não tive escolha. Devia proceder assim, sem preocupação com ninguém, não tendo visto além dos textos, ou então renunciar a fazer trabalho sério e útil.

Ao longo de muna crítica, insisto por conhecer e estabelecer os fatos essenciais da biografia dos autores: são as credenciais da testemunha. Testemunha eu mesmo, teria o direito de me solicitar meus documentos. Executo: Jean Norton Cru, nascido em Labadie-d'Andare, cantão de Saint-Agrève (Ardèche), em 9 de setembro de 1879. Estudos no liceu de Tournon, bacharel em Letras, certificado e diploma de estudos superiores de inglês. Professor no liceu de Oran, licenciado por tempo ilimitado por conveniência pessoal. Professor no Williams College, em Massachussets (EUA), desde 1908, exceto um ano passado em Oran e cinco anos no Exército. Serviços militares: três anos no 140° RI (Grenoble) como soldado e cabo de 1900 a 1903. Na mobilização, embarcado em 15 de agosto de 1914 em New York, retornado ao 110° RIT em Romans, em 28 de agosto. Chegou ao front em 15 de outubro de 1914 como cabo no 240° RI (75° depois 30° DI). Sargento em fevereiro de 1915. Passou ao 321° RI (133° DI) em dezembro de 1916. Destacado em fevereiro de 1917 para a armada britânica: intérprete no 55° DI Britânico. Destacado em agosto de 1917 para a armada americana: intérprete na 1ª DI Americana, depois instrutor na escola de Biesles. Ajudante em janeiro de 1918. Em missão aos Estados Unidos em setembro de 1918 (conferencista). Desmobilizado em 31 de agosto de 1919.

---

<sup>4</sup> Mantivemos o termo em francês, na referência específica à designação aos combatentes da I Guerra Mundial (NDT).



Estada no front 28 meses nas trincheiras, mais 10 meses na comunicação, mais 10 meses atrás do front. Idade: 25-39 anos. (As indicações acima instituem a biografia-tipo, sucinta e significativa, que me esforço para fornecer para cada um dos 250 autores aqui presentes)<sup>5</sup>.

## **INTRODUÇÃO GERAL CAPÍTULO PRIMEIRO A GÊNESE DESTA LIVRO**

A humanidade sempre se glorificou por fazer a guerra, embelezou o ato da batalha, retratou com magnificência os ataques dos cavaleiros, o corpo a corpo dos soldados em marcha; atribuiu ao combatente sentimentos sobre-humanos: a coragem ardente, o ardor para a luta, a impaciência de alcançar o desprezo pelas feridas e pela morte, o sacrifício feliz de sua vida, o amor pela glória. Os séculos, os milênios ancoraram essa concepção no espírito dos cidadãos que não combateram. Quem ousaria duvidar de coisas tão antigas, confirmadas pelo testemunho unânime das gerações desde as origens do tempo? Voltaire duvidou disso, Rousseau negou com energia o ardor natural do homem pelos combates, mas o século XIX acreditou poder desmentilos. Assim, apesar do descrédito no qual a concepção começava a ruir no século XVIII, nós a vimos em agosto de 1914 tão solidamente estabelecida que jamais, mesmo em certos espíritos, graças à epopeia da Revolução e do Império, graças aos alemães, a epopeia de Sadowa e de Sedan.

Acreditava-se, acredita-se ainda, conhecer as guerras. Acredita-se que as histórias gerais, as histórias militares, os estudos estratégicos nos dão das guerras da Antiguidade, da Idade Média, dos tempos modernos, da época contemporânea uma imagem que rivaliza na exatidão com a história política, social, econômica, intelectual ou artística desses mesmos períodos. É uma ilusão tão tenaz quanto perigosa. A história militar foi até aqui inferior às outras histórias. Ela o é porque se ocupa de feitos especiais que as testemunhas, os cronistas, os historiadores do tempo, todos cujos escritos são os únicos documentos do tempo, foram construídos para deformar pelo espírito do patriotismo, de orgulho, de tradição<sup>6</sup>. Sem dúvida,

---

<sup>5</sup> Tenho que reconhecer os preciosos serviços que me prestou o professor F. W. Whittman, de Williams College, que datilografou e revisou meu texto, com uma paciência e uma desenvoltura incansáveis.

<sup>6</sup> “As façanhas de armas são curiosas para ler. Não se tem ideia de que a verdade possa ser... travestida com mais serenidade, sem falar da política da guerra que falseia os feitos no objetivo disciplinar, moral ou político” (Ardant du Picq, p. 137).



os testemunhos sobre a história política são também deformados, mas se pode chegar, com os métodos históricos de hoje, a corrigir em grande medida essa deformação. Isso é possível apenas porque o erudito hoje não compartilha dos preconceitos do autor do texto-documento. Não é o mesmo com a história militar. A deformação dos documentos é total, ela o é por tradição, tradição que remonta às origens mesmas da humanidade social, tradição que se impõe ainda hoje ao historiador no próprio momento em que trabalha sobre documentos deformados. Como poderia corrigir o erro do documento totalmente e, no entanto, levar consigo o mesmo erro? A história não militar ganhou muito em precisão há uma centena de anos, por um lado, graças a uma prática, por outro, graças a uma atitude moral. Sua nova prática consiste em não se contentar com documentos oficiais ou os que provêm dos grandes atores; ela se pôs a pesquisar todos os documentos possíveis, os que dizem respeito aos detalhes da vida provincial, os que vêm das testemunhas as mais humildes. A atitude é a da imparcialidade científica; a história a tomou como seu o magnífico lema da *Révue Historique: Ne quid falsi audeat, ne quid veri non audeat historia* (Cícero, *Oratória*). A história militar, que não adotou nem essa prática nem essa atitude, pode ainda merecer o nome de história, no sentido que damos a essa palavra no século XX?

Nossa época é orgulhosa de seu espírito científico, envaidece-se de não aceitar qualquer coisa sem controle, precisa de provas advindas de uma experimentação minuciosa e rigorosa. Não deveria ainda fazer exceções, nem aceitar sem controle a interpretação tradicional de alguns fenômenos humanos observáveis e verdadeiros. Alguém se perguntou se a concepção tradicional da batalha está de acordo com os fatos materiais e psicológicos observados pelas testemunhas? Existem somente testemunhos? Quem são? Seus autores estão realmente qualificados para testemunhar? Quais são suas credenciais? Essas questões eu me coloquei, como também sem dúvida outros soldados, desde o dia em que, em 1914, o contato, o choque brutal das formidáveis realidades da guerra reduziu a migalhas minha concepção livresca dos atos e sentimentos do soldado em combate, concepção histórica e que, ingenuamente, acreditava científica. Compreendo, então, que ignorava a guerra de uma ignorância total porque, no tocante ao que ela tem de fundamental, sempre verdadeira, de aplicável a todas as guerras, essa ignorância levava à ruína todas as opiniões que dela derivavam. Detestando realmente a guerra, menos pelas misérias que ela me infligia – estava estoico – que pelas angústias e as torturas morais, eu me ponho a amá-la como objeto, pus-me a estudá-la em todas as suas fases com a ajuda de precários meios de que então dispunha! Mais a guerra se revelava a mim temível



e mais o mistério que a envolvia, e de que acabava de me dar conta, mais me apaixonava. Desde 1914, a guerra teve para mim a atração de um assunto novo, um fenômeno tão antigo, pareceu-me tão virgem quanto a velha América apareceu aos olhos de Isabel, a católica. Mas outros antes de mim tiveram certamente a mesma surpresa depois de ter enfrentado o mesmo choque; eles deveriam ter estudado o mistério, eles o teriam talvez elucidado em grande parte e publicado suas observações. Em todo caso, esses pesquisadores não deveriam ser numerosos nem influentes porque não tinha ouvido falar deles, porque todo mundo parecia compartilhar em agosto de 1914 as ideias tradicionais.

As diversões não faltam nas trincheiras e eu tinha todo o tempo que quis para ler. Foram os livros e as revistas que inicialmente faltaram, mas logo eu pude ter tudo que queria: tinha os catálogos das editoras, os livros me chegavam de Paris pelo correio, tinha uma pequena bolsa que esvaziava na medida em que lia os livros. Esse frenesi de estudo amenizava meus sofrimentos: apreciei as baratas menos que os outros, tive mais estabilidade de espírito, menos pessimismo, menos inveja com relação ao conforto dos suboficiais, da segurança das emboscadas. Antes do ataque, compartilhava a angústia comum, mas ela não tinha sido antecipada – ao menos no mesmo grau – por semanas de previsões de infelicidade, de imaginações, procuradas para causar sofrimentos inúteis. Como eu não reclamava muito, os camaradas me chamavam o patriota, atribuindo uma maior fé ou força da alma à calma, muito relativa, de um espírito absorto. O que eu lia? Inicialmente, estudava a técnica elementar das armas, para resolver os problemas da curiosidade mais imediata. O que causa o barulho dos projéteis na sua trajetória? O canto modulado do obus, o som das balas que parecem explodir? Quais são suas diversas velocidades em relação ao som? Vejo-me em novembro de 1914, lendo na trincheira, no moinho do córrego Forges, alguns bons artigos de imprensa sobre essas questões. Tais noções adquiridas me preveniram contra algumas lendas, em particular a lenda das balas explosivas. Quando pude ter os livros, abandonei os diários de que tinha então tirado tudo que podiam dar. Abordava, então, as questões da história militar e, por volta de 1915, as primeiras narrativas de guerra pelos meus próprios irmãos de armas foram publicadas em volume. Desde então, sem deixar de lado a história militar, interessei-me particularmente pelo testemunho de combatentes. Passaram pelas mesmas surpresas que eu? Qual era a natureza de sua experiência e as tinham levado a conclusões que vislumbrei depois de tê-las procurado em vão nos livros? (nessa data eu não conhecia ainda Ardant du Picq). Tive a felicidade de escolher bem e as memórias de guerra que li em 1916 são as que classifico hoje entre as melhores. Se o



contrário tivesse sido produzido, é possível que meu entusiasmo pelos testemunhos dos combatentes não tivesse durado. Durante nosso ataque do fim de junho de 1916 a Verdun no lado oeste da ravina de Vignes, tinha na minha bolsa *Sous Verdun*, de Genovoix, e *Ma pièce*, de Paul Lintier. Vejo-me ainda em setembro de 1917 discutindo os méritos de *Feu*, de Barbusse, com o capitão, oficial de carreira, a cuja admiração sem reserva faltava espírito crítico. Li sem descontinuar até o Armistício. Então, longe de encontrar nisso uma razão para me desligar da guerra, não vi ali senão uma ocasião de me entregar mais completamente a meu objeto graças às maiores facilidades para pesquisar as obras e me munir de todo um aparato de referências e de crítica permitindo melhor seguir as narrativas, controlá-las, estimar sua veracidade. Desde 1919, abasteci-me de uma série completa de cartas do front por 50.000<sup>e</sup> (no câmbio negro)<sup>7</sup>, de cronologias, de quadros de medidas, de bibliografias. Pude também explorar os entornos de meu objeto, ler ou reler as memórias militares de 1914, os romances de guerra, de Balzac a Margueritte e Paul Adam.

Mas eu não sonhava seriamente em publicar um livro. Em 1922, minha família me pressionar a me dedicar a publicar minhas impressões de guerra. Os argumentos foram colocados tão fortemente que eu me deixei convencer, mas eu me encarreguei de escolher o que me agradava mais: não minhas próprias lembranças, mas as lembranças dos outros, as lembranças publicadas em volumes, as que tinha que lido e de outras que ainda leria, todas, se possível, reunidas, triadas, escolhidas, a fim excluir as narrativas dos civis, das não-testemunhas. Minhas próprias lembranças, eu queria utilizá-las para melhor compreender as narrativas de meus irmãos de armas e para fazer disso uma crítica séria, excluindo toda fantasia literária, toda complacência de camaradagem das *cartas*, toda publicidade. A finalidade com a qual eu começaria esse trabalho de bibliografia crítica é o que eu explicarei no capítulo III. Em 1923, eu começava o trabalho definido em vista de uma obra destinada à publicação. Eu já tinha sete anos de leituras assíduas de lembranças de guerra e estimava que depois de um ano suplementar de preparação e organização eu estaria pronto para redigir. Mas o tema se revelou muito mais vasto e sobretudo mais complexo do que eu previa. Eu precisei não de um ano, mas mais de quatro anos de preparação e só pude começar a escrever em 1927. Eu queria fornecer para cada autor algumas precisões indispensáveis: estado civil, biografia militar, número do regimento e da divisão, elementos de uma descrição bibliográfica da obra. Na maior parte dos

---

<sup>7</sup> A partir de 1923 tive as séries de 200.000<sup>e</sup> (Exército), 100.000 (interior) e para os setores importantes apenas notas de 50.000 (coloridas), 20.000 e 10.000. Ver mais adiante Bibliografia da Introdução.





casos me confrontei com dificuldades. Alguns autores já tinham um nome na literatura, os outros só tinham existência na página de título de seus livros de guerra, nos quais seus nomes eram frequentemente trocados por pseudônimos. Eles não apareciam em nenhum anuário. Uma outra dificuldade surgia quando eu precisei completar minha coleção.

Devo dizer aqui que eu não quis trabalhar com obras de biblioteca; adquiri pessoalmente todos os textos, todas as obras de referência que menciono, porque necessitava marcar neles passagens relevantes, a inscrever referências a outras páginas, a outros volumes, a outros autores, anotar neles um comentário marginal, dotá-lo de um quadro e de um índice quando estavam deles desprovidos, a muni-los de um erratum, a inscrever meu julgamento provisório nas páginas em branco, julgamento que revisei ano após ano, na medida em que a leitura de outros textos lançava mais luz sobre isso, a guarnecer a página de título de indicações bibliográficas etc. O conjunto de mais de 300 volumes de textos que apresento aqui contém uma enorme acumulação de notas do qual apenas uma parte pude passar para o meu livro, ainda que fosse redigido quase que inteiramente baseado nesses textos anotados. Tenho outras notas em fichas, resumos de lançamentos, mas preferi redigir baseado nos materiais diretos: o texto do autor e meu comentário que o acompanha. É assim que minha redação contém – ao lado de um elemento visível: citações de passagens escolhidas, incorporação do comentário essencial – todo um elemento invisível (texto não citado, comentário omito), mas presente contudo pelo espírito em que se inspira a expressão de meu pensamento. Posso dizer sem grande exagero que meu livro contém todo o essencial dos textos e do comentário: a parte mais frágil nele sendo materialmente incorporada, a maior estando somente mentalmente presente e sensível apenas aos leitores que leram a obra discutida e que lembram dela suficientemente.

Digo que era difícil completar minha coleção de textos. As bibliografias existentes eram muito pouco precisas, continham títulos demais, misturando os mais diversos gêneros. Estava restrito a adquirir as obras com relação aos seus títulos, por mais enganoso que fosse o indício. (*Le crime de Sylvestre Bonard* não seria um romance policial?) Às vezes eu comprava um livro de memória de guerra só para descobrir, tarde demais, que um burguês do interior tinha anotado e publicado suas impressões. Às vezes, eu lia e anotava um volume inteiro antes de me dar conta que eu tinha lidado com a pseudo-memória de um soldado fictício, escrita por um civil de mais de 50 anos, literato hábil e bem informado, suponho. É assim que eu constituía não apenas uma, mas duas coleções: a dos livros recebidos, depois de ter feito seu reconhecimento, e dos livros recusados. Os recebidos não eram os bons e recusados os ruins; não, os recebidos





eram os livros de combatentes, testemunhas de fatos que eles contavam, e seu testemunho podia se encontrar excelente ou igual ao que há de pior nesse gênero. Essa ideia, aparentemente tão elementar, de nunca misturar na mesma lista as testemunhas e as não testemunhas, de nunca confundir os testemunhos que são documentos, com os registros de segunda mão, que não estão neles, ninguém parece tê-la tido. Eu bem que encontrei listas ou enumerações de livros de guerra, de uma dúzia a vários milhares de títulos; em todo caso, Lintier se encontrará citado ao lado de Le Goffic, Galtier-Boissière ao lado de Maurice Barrès, ou de Bourget, de Victor Giraud, de René Boylesve, de Bazin, de Dumur. Ao não ter outro resultado senão de impor a lógica de separação desses nomes, no que concerne às suas obras de guerra, meu livro não terá sido inútil. Para as guerras do passado, essa noção do testemunho é ainda mais vaga nos nossos espíritos. Assim, se fala sempre dos soldados napoleônicos de Raffet como se eles fossem uma existência gloriosa senão na imaginação do artista inspirada pela lenda. Esquece-se que Raffet nasceu em 1804, que ele tinha 11 anos em 1815, que ele jamais viu esses soldados napoleônicos no campo, que suas primeiras litografias militares são de 1830. Raffet só tem direito de testemunhar através de seus desenhos de 1859 porque ele acompanhou o exército na Itália.

Tinha, portanto, a tarefa de ser completo, de incluir todos os testemunhos dos combatentes lançados de 1914 a 1928, mas é evidente que muitas obras me escaparam. Para não omitir nada, seria necessário completar minha lista lendo no Musée-Bibliothèque de la Guerre muitos milhares de volumes. Teria apreendido nisso todo um pequeno número respondendo às exigências que eu creio dever impor<sup>8</sup> e tendo escapado aos únicos meios de pesquisa de que dispunha. Uma obra como essa não pretenderia ser completa de primeira; para o futuro eu convoco a todos os que se dão conta da importância do assunto, que compreendem o que eu chamo de testemunho em oposição à narrativa de segunda mão, para que me indiquem as omissões deste trabalho a fim de que elas sejam reparadas numa edição futura.

Meu livro, que surge 10 anos depois do fim da guerra, nasceu das minhas meditações na trincheira; é a culminância de 14 anos de pensamentos constantes aplicados ao mesmo objeto, em detrimento das ocupações do dia das quais sou desinteressado ao ponto de cessar de ler os jornais; é o produto de cinco anos de trabalho especializado no campo das memórias pessoais dos combatentes. É assim o livro de um *poilu*, de um dos que permanecem fiéis à nossa guerra, um dos que sobreviveram espiritualmente tão bem quanto seu corpo.

---

<sup>8</sup> Ver o detalhe dessas exigências, cap. II.



## **CAPÍTULO II: A NATUREZA DESTES LIVROS**

Inicialmente, eu me propus a escrever uma bibliografia tão completa quanto possível dos testemunhos de combatentes publicados. Instruído pelas insuficiências das listas que tinham sido escritas, entendi que era ilusório fazer uma escolha de obras com relação à formulação do seu título ou mesmo com relação a um exame superficial de seu conteúdo. Para que a bibliografia fosse verdadeiramente útil, para que ela respondesse à minha intenção de admitir as narrativas de testemunhas e nada além disso, era necessário me obrigar a ler os textos inteiros, a fazer pesquisas sobre a campanha de cada autor para determinar suas funções, seu grau, sua unidade, a duração de sua estadia no front a fim de me satisfazer sobre esse ponto essencial: ele estava qualificado para testemunhar?

Essa simples bibliografia de 300 volumes levava, pelas verificações que ela exigia, todo um estudo crítico cujos elementos demandavam ser utilizados. Eles me levaram a reunir à bibliografia uma análise e uma crítica que tomaram proporções tais que a redação que eu tive que resumir, cortar, omitir a fim de permanecer nos limites racionais. Por mais atenta que fosse minha leitura, ela não me permitiu compreender tudo o que importava apreender nesses textos; depois de ter lido 300 volumes eu constatei que tinha chegado apenas ao ponto de partida: eu tinha uma boa visão do conjunto e estava preparado para ler com proveito cada obra porque nessa segunda leitura eu podia julgá-la com relação a todas as outras e não mais em absoluto. Eu li, portanto, duas vezes todos os textos que apresento aqui e isso é o mínimo porque vários eu li três ou quatro vezes; em onze anos *Ma pièce* foi lida seis vezes, *Sous Verdun* dez vezes<sup>9</sup>. Na primeira leitura os textos foram anotados, na segunda novas notas vieram completar e corrigir as primeiras.

Quais são os princípios que me coloquei para limitar, definir e organizar meu trabalho? Contrariamente a outros bibliógrafos, eu não quis princípios a priori. Diante de um tema que eu persisto em considerar como absolutamente novo, como podia saber de antemão quais seriam os melhores princípios? Uma única ideia presidiu meu trabalho desde o início, é a ideia que tinha adquirido desde as minhas primeiras leituras na trincheira: nunca pensei até aqui em

---

<sup>9</sup> Três vezes uma e outra como texto francês comentado em minhas classes.



estabelecer uma distinção entre os testemunhos dos atores da guerra sobre seus próprios feitos, gestos e sentimentos de um lado e os fatos históricos, compilações de anedotas, relatórios de chefes e todos os outros materiais de uma natureza não pessoal, não íntima, por outro lado; essa distinção é essencial, todo o estudo que não a marca tende a obscurecer o tema em vez de esclarecê-lo. Sem jamais pré-julgar o valor dos materiais não pessoais, pode-se afirmar que eles são de uma natureza aos outros, que pertencem a um campo de estudo distinto. Alguma similaridade que pudessem às vezes oferecer, aparentemente, com os documentos pessoais, eles diferem por esse fator que decide tudo: a psicologia. Pense no contraste psicológico seguinte: os sentimentos do homem que redige um histórico detalhado da primeira semana da batalha de Verdun e os sentimentos de um homem que redige baseado em seu diário de memórias sobre esses mesmos dias que ele viveu sob o fogo. No primeiro caso, apenas inteligência toma parte no trabalho, no segundo todas as emoções experimentadas se reproduzem aos poucos: tremuras, tormentos, parada do coração, raiva repentina, contração da garganta, enjoo de angústia se repetem minimizados. O primeiro trabalho no plano abstrato é livre, pode concluir por branco ou preto; o segundo é mantido no concreto, a lembrança de suas emoções refreia a fantasia de seu espírito<sup>10</sup>. Tal é a ideia fundamental do meu trabalho: reestabelecer as relações dos narradores que agiram e viveram os fatos, exceto as narrativas dos expectadores, estivessem na sede a alguns quilômetros da cena ou no seu escritório em Paris. Pouco a pouco, na medida em que eu completava a exploração do objeto, os princípios se apresentaram a si mesmo e se impuseram de uma evidência a posteriori. Enumero-os:

1° Considerar todas as narrativas de combatentes publicadas originalmente em francês, o que exclui as traduções, mas inclui as narrativas da armada belga e as narrativas de franceses vinculados à armada britânica e à armada americana.

2° Considerar todas as narrativas de combatentes publicadas em volumes, excluindo aquelas que são ainda manuscritas e as que foram publicadas apenas em periódicos. As exclusões são motivadas por duas razões. Uma diz respeito ao meu trabalho: quero adquirir pessoalmente todos os textos que critico a fim de poder conservá-los à minha disposição, consultá-los a todo momento, anotar neles, marcá-los de todas as formas. A outra diz respeito aos que usarão o meu trabalho: desejo que se possam procurar ou consultar facilmente todos os

---

<sup>10</sup> Ver o contraste entre as memórias e as impressões (*Journaux: Jean Saison*)



materiais que examino. Por outro lado, se muitas das narrativas forma lançadas em periódicos, quase todas as que têm algum valor foram editadas em livros.

3ª Considerar todas as narrativas de combatentes editadas pelas livrarias parisienses e fazer apenas uma escolha muito limitada das que são editadas no interior. A grande maioria dos livros de guerra do interior são das obras que se endereçam ao círculo limitado dos amigos de um soldado, dos veteranos de uma unidade. São livros pequenos, de uma tiragem restrita, difíceis de obter e de bem pouco interesse do ponto de vista geral. Procurei, então, completar tanto quanto possível as obras editadas em Paris admiti apenas 9 obras editadas no interior. É verdade que três dentre elas são melhores de toda a nossa série.

4ª Considerar todas as narrativas de combatentes, salvo as da guerra no mar porque não tenho qualificação para verificar, aceitar ou recusar, comentar, julgar, citar, classificar. Sua inclusão introduziria em um trabalho preciso um elemento de dúvida, imprecisão e mesmo de erro caracterizado. Encontrar-se-á alguém, espero, para preencher essa lacuna.

5ª Considerar todas as narrativas de combatentes dando à palavra combatente uma significação diferente à daquela dos lexicógrafos, mas conforme a prática da guerra de 1914-1948: todos os homens que fazem parte das tropas combatentes ou que vivem com elas sob o fogo, nas trincheiras e no acampamento, na ambulância do front, nos pequenos estados-maiores: o capelão, o médico, o condutor do carro de saúde são combatentes; o soldado prisioneiro não é um combatente, o general que comanda o corpo da armada também não, nem toda a equipe do QG. A guerra mesma impôs essa definição fundada na exposição ao perigo e não no porte de armas, que não significa nada. Os médicos do batalhão não tinham armas, os oficiais da tropa estavam frequentemente armados apenas com um cacete; vivendo sob o fogo, eles eram combatentes enquanto os oficiais da 83ª divisão territorial (mantida em Paris durante toda a guerra) não eram combatentes a despeito do seu sabre e do seu revólver.

6ª Considerar todas as narrativas de guerra, dando às narrativas dos combatentes a significação seguinte: diário de bordo, diário da guerra, memórias da guerra, cartas do front, pensamentos, reflexões e meditações sobre a guerra, narrativas ficcionais, mas apenas quando a ficção não é senão um voo ligeiro sob o qual se pode distinguir a persona do autor, sua experiência da guerra, sua unidade, os setores que ocupou, em uma palavra, os fatos reais de sua própria campanha. Em suma, considerar as lembranças de guerra sob qualquer forma que se apresentem na condição de que sejam memórias pessoais e não fatos emprestados aos verdadeiros atores. Incluo o livro de Albert Thierry, projeto do tratado de paz, pensado e



composto nas trincheiras e na prisão durante uma curta evacuação. Excluo o Dixmude de Le Goffic e todos os livros de guerra de Henry Bordeaux os quais, por exemplo *Les dernier jours du fort de Vaux*, são feitos de empréstimos das anotações de Delvert, do abade Cabanel (cadernos estudados aqui sob o nome de seus autores) e de alguns outros cadernos inéditos.

Além disso, durante muito tempo admiti o princípio de considerar apenas as narrativas das patentes inferiores do exército, desde o simples soldado até o capitão. Abandonei-o porque os próprios fatos se encarregaram de aplicá-lo. Nenhum oficial de nível superior ao de capitão publicou memórias no sentido que as defino aqui, exceto um único, comandante da brigada, o contra-almirante Roarch'h. É necessário incluir a essa exceção as cartas do tenente-coronel Bourguet publicadas depois de sua morte. Quanto aos comandantes Bréant, Henches, Lefebvre-Dibon, eles só tinham o posto de capitão na maior parte do período narrado. No nível limite de capitão há uma lógica dos fatos que é plena de ensinamentos<sup>11</sup>.

Dessas restrições resulta que a poesia da guerra fica de fora de nosso estudo. Poder-se-ia, contudo, captar dela impressões de guerra, mas como a parte da literatura é maior que a parte da informação documental, os inconvenientes da admissão da poesia são maiores do que suas vantagens. Se tivesse admitido a poesia, deveria admitir o teatro de guerra, e excluí-o pelas mesmas razões. Por outro lado, admiti o romance porque, contrariamente à ideia admitida, há muito pouco romances de guerra, e esses romances são só memórias pessoais apenas mascaradas. Na medida em que as obras respondem a esses princípios, não excluo nenhuma pelo seu pouco valor. Em mais de 300 volumes há todas as qualidades e não vejo nisso qualquer inconveniente. Essa admissão no conjunto de obras, sem distinção de qualidade, oferece mesmo vantagens: 1º pode-se dar conta da porcentagem de obras excelentes, boas, aceitáveis etc.; 2º as obras inferiores servem para nos fazer mensurar mais exatamente o valor das melhores; 3º servem também para caracterizar os erros mais graves ou mais comuns, são documentários por suas mesmas falhas, instruem a crítica, permitirão no futuro melhor compreender a psicologia dos combatentes escritores, eles são uma lição. É por isso que às vezes eu as analisei longamente e citei abundantemente. Sua inclusão não tem inconveniente, não pode criar confusão alguma, porque, além do julgamento visivelmente motivado que carrego sobre cada um deles, dou no fim do volume, entre as diversas tabelas, um quadro de classificação das obras ou mais ainda

---

<sup>11</sup> “Para conhecer a guerra, é necessário ter vivido como comandante de companhia no máximo... Apenas o que vive noite e dia na trincheira conhece a guerra moderna... Nosso mestre é nossa miséria cotidiana... Os camaradas são os que vão dos comandantes ao *poilu* inclusive. Os outros são os chefes”. Capitão Rimbault (*Réflexions*).



dos autores pelo seu nível de valor<sup>12</sup>. Na primeira abordagem, isso poderia surpreender. Seria absurdo elaborar tal tabela para obras propriamente literárias, por exemplo dos 300 principais romances franceses. Mas se trata aqui de obras cujo valor, por mais importante que seja, só está em função do valor da sinceridade, do valor documental. É então possível classificá-las quando se é capaz, depois de duas leituras ao menos de cada obra, de julgá-las relativamente a todas as outras. Diria mesmo que é indispensável operar essa classificação a fim de dar uma significação de conjunto a essas múltiplas críticas individuais, a fim de oferecer também aos que farão uso desta obra os trabalhos completos, a conclusão geral que é de direito esperar de uma documentação lentamente acumulada durante os anos. Essa classificação é tão mais desejável que em 14 anos cada novo livro é anunciado pelo editor, julgado pelas críticas, e as mais sérias, como “um dos três ou quatro melhores que foram lançados sobre a guerra”, quando não é a “obra-prima indubitável da literatura de guerra”. Esses exageros repetidos, esses elogios excessivos, pronunciados apressadamente, sem qualquer senso de responsabilidade, terminaram por confundir o espírito do público e por impor aos espíritos lúcidos as noções mais absurdas sobre o valor relativo às memórias de guerra. Muitas pessoas cultas vieram mesmo a confundi-las em uma mediocridade geral.

## **CAPÍTULO V: DE ALGUMAS IDEIAS FALSAS SOBRE A GUERRA**

Ao uso dos leitores não-combatentes que não compreendem nunca o sentido completo das críticas que endereçamos aos autores de narrativas suspeitas, queremos refutar aqui mais detidamente certas noções inexatas e tradicionais, escolhidas entre as mais deformantes, que dão aos civis uma visão da guerra que não tem nada em comum com a dos combatentes. Para ser mais claro, o fazemos sob a forma de enumeração.

1. A LUTA – *A guerra é uma luta. Ora o homem tem um gosto inegável por combate, por esportes os mais agressivos como o futebol e o boxe. Portanto, o homem deve ter gosto pela morte, malgrado seu risco, malgrado a morte.*

Os combatentes tinham mais ou menos essa ideia antes de ver o fogo. Desde que conheceram a guerra, compreenderam que ela é uma luta entre dois grandes grupos de

---

<sup>12</sup> Ver Tabela 1.



indivíduos: coalisões, nações, exércitos... até as divisões. Duas divisões inimigas são dois pequenos exércitos completos e eles realmente lutam. Entre dois grupos, como entre dois indivíduos, não há mais luta, exceto em casos muito excepcionais: quase sempre um dos dois bate, enquanto o outro só pode se curvar e receber os golpes. Por exemplo, a artilharia da trincheira alemã atira sobre a infantaria francesa; ela não pode pensar em contra-atacar; seus fuzis, granadas ou metralhadas são inúteis contra o obuses; ela só pode se proteger se possível, devendo resistir passivamente à agressão. Se, contudo, a artilharia da campanha francesa identificou o alojamento dos obuses inimigos, ela pode por seu turno lhes infligir uma cruel correção sem que eles tenham a menor possibilidade de lhe responder. A pesada artilharia inimiga poderá participar dos 75 e se ela conhece bem sua posição pode massacrá-los tranquilamente. Poder-se-á ainda lançar mão de toda a artilharia na potência máxima, dos aviões de bombardeio, dos aviões de caça etc. e cada vez se terá um carrasco e uma vítima impotente, sobretudo se o executor tem dados exatos. Em um ataque bem preparado, a luta entre duas infantarias é sempre desigual: uma é dizimada, atingida na sua retaguarda, privada de água depois de dois ou três dias, atingida por deflagrações em uma trincheira alargada, encoberta de escombros... a outra se lança sobre ela, friamente, saída da véspera, nutrida, hidratada, confiante. A defesa é ilusória, é a redenção se a fuga não pôde ser feita a tempo. Em um ataque como se fazia de outubro de 1914 a maio de 1915, é o inverso e a luta é também desproporcional. O agressor se expõe sobre o solo, se colide com os arames, sem golpear aos defensores que, abrigados na sua trincheira e confiantes em suas redes, atiram sobre a onda de ataque e o dizimam sem grande risco. Em todo caso, não é a luta com que sonharam os guerreiros de antes. Quem então quereria contemplar dois boxeadores em que um suprimiria sem risco seu adversário preliminarmente paralisado? Não, a guerra não é uma luta, ela não desperta admiração que temos pelos torneios de atletas. Os soldados são carrascos ou vítimas, caçador ou caça, e na infantaria temos a impressão de que desempenhamos na maior parte do tempo o papel de vítima, de presa, de alvo. Esse papel dificilmente faz apreciar a glória dos combates<sup>13</sup>.

2. A CORAGEM, O MEDO – *Os bons soldados são corajosos, os maus soldados têm medo.*

---

<sup>13</sup> Essa refutação destrói também a noção simplista do choque, tão popular que Ardant du Picq tem tão categoricamente desmentido. “O choque é uma palavra” e, entre outras, em muitas passagens de *Études sur le combat* (Ver aqui Cap. VI e n. 5).





Todos os soldados sem exceção têm medo e a grande maioria experimenta uma coragem admirável fazendo o que deve fazer a despeito do medo. Temos medo porque somos homens e é o medo que preservou a vida de todos nós que sobrevivemos. Sem medo não teríamos vivido vinte e quatro horas na linha de frente; teríamos cometido tantas imprudências por desatenção que rapidamente teríamos recebido a bala que espia o imprudente. Quanto à coragem, muito se tem falado; dever-se-ia inicialmente encontrar uma outra palavra; uma serviria para a coragem de Aquiles, a outra para o *poilu*, que é totalmente diferente. A coragem de Aquiles vem da consciência que tem a ver com sua força e sua elevadas intenções. Se ele ataca com vigor, ele triunfa sempre. Sua coragem é seu melhor escudo, protege sua vida. A coragem do *poilu*, infelizmente...!<sup>14</sup>

### 3. A BAIONETA – *A arma favorita do poilu é a baioneta.*

O *poilu* está convencido que se ele tivesse deixado a baioneta na caserna ainda se teria vencido a guerra e os mortos e feridos seriam menos numerosos. A baioneta matou muitas pessoas, ela matou bem menos que qualquer outra das infinitas variedades de arma da qual se serviu. Eu não vi a guerra de agosto a setembro de 1914, mas pelo período que acompanhei declaro não ter jamais visto fazer uso da baioneta, jamais vi a baioneta suja de sangue, ou fincada num corpo. O uso era de colocar a baioneta no cano da arma no começo do ataque: não é uma razão para chamá-lo de um ataque à baioneta, mas de um ataque à polaina. Consulte as narrativas de guerra: ninguém dos melhores fez menção ao uso da baioneta<sup>15</sup>, em contrapartida todas as narrativas que mentem, aliás, nos regalam com massacres truculentos de arma branca. Quanto aos civis como Le Goffic, bem colocados para ver, eles mostram a lâmina agitada num vai e vem que fura um corpo a cada golpe. (Ver aqui as *Réflexions* : Voivenel).

### 4. As PILHAS DE MORTOS - *“Os alemães atacam entre cinco ou quatro colunas... entre três ou quatro minutos os milhares de inimigos dizimando a planície” (Veaux).*

O inimigo avança em colunas de quatro... vê-se surgir outras colunas massivas, sem fim (Debrulle). - Não há mais terra, mas um tapete de cadáveres (Lekeux). - As trincheiras estavam

---

<sup>14</sup> “A que nos serve nossa coragem? Um homem se defende contra os tremores da terra que vai engoli-lo? Atira-se com fuzil num vulcão que vomita sua lava em chamas?” – Galtier-Boissière (aqui, em *Diários*). “Nossos heróis não têm a segurança que davam antigamente o vigor do braço e a intrepidez do coração; o progresso dos armamentos suprimiu o antigo valor; a coragem moderna consiste em não recuar diante da morte invisível e inevitável” (Chaine, aqui em *Réflexions*). Um aviador observa: Enquanto, com outras armas, o valor pessoal dificilmente proteja dos golpes, ela tem uma importância primordial para evitar os ferimentos e a morte”. Marc (aqui em *Diários*).

<sup>15</sup> Ver (aqui, em *Diários*), a mais bela narrativa de carga que se conhece, mas longa demais para ser citada inteira (Gaultier Boissière).



cheias de cadáveres e em mais de quatrocentos metros atrás a terra estava positivamente sob corpos (Descubes). - Uma barreira de mortos que avança (Jean Renaud). - As camadas superpostas de cadáveres *boches* nivelavam na superfície o cruzamento [de trincheiras] que na véspera se afundava na terra a três metros (Péricard). - Os cadáveres alemães se comprimiam até a dois ou três metros de altura (Gauchez). - Os prussianos caíam totalmente espremidos... que havia cadáveres restando de pé (Louzanne)”.

Poderia, assim, só citar os combatentes sem mencionar os romances do front.

Esses fantásticos exageros se encontram em todas as narrativas de narradores suspeitos e algumas narrativas de bons narradores que não pertencem à infantaria. Elas constituem um dos melhores critérios de falso testemunho; interessa, portanto, tornar a mentira evidente às pessoas menos informadas sobre a guerra. Para simplificar, apresentamos uma hipótese que é embelezada pelos falastrões. 1º Suponhamos que 2.500.000 mortos<sup>16</sup> tombaram no campo de batalha franco-belga: alemães, franceses, britânicos, belgas, americanos, portugueses etc. 2º Suponhamos que durante cinquenta e um meses eles se acumularam na terra sem serem enterrados, sem se decomporem, sem desaparecerem de maneira nenhuma e como tal todos mortos no mesmo dia. 3º Suponhamos a queda não se deu nas zonas da Batalha das Fronteiras, de recuo em direção ao Sena, da Batalha do Marne (onde as perdas totais em um mês – 20 de agosto a 20 de setembro de 1914 – igualaram as de seis a sete meses durante a guerra de posições). 4º Suponhamos que a linha do front permanece praticamente imutável durante cinquenta e um meses de Nieuport à Suíça sem sofrer as oscilações que foram até quarenta quilômetros em Somme, quinze de Verdun, quatro a cinco em Champagne, em Artois e alhures, sem falar da repressão profunda de setembro-novembro de 1918. 5ª Suponhamos uma linha mediana indo de Nieuport à Suíça, passando pelo meio do *no mans land* e suponhamos que todos os mortos sem exceção caíram a menos de 1500 metros de um lado e outro dessa linha mediana<sup>17</sup>. Nós concentramos, assim, todos os nossos mortos a amigos e inimigos, espalhados no tempo da duração da guerra, espalhados no espaço de Liège à Revigny, do Sambre ao Grand

---

<sup>16</sup> Essa aproximação se obtém com a ajuda do total das perdas dos diversos beligerantes deduzidos: para os alemães, os mortos do front oriental, para os anglo-franceses, os mortos de Gallipoli, Macedônia, Itália, e, para todos, os mortos em ambulâncias, hospitais, campos de prisioneiros as perdas da frota, os afogados em transportes torpedeados, os mortos por doença do front e dos depósitos, as vítimas de acidentes (descarrilamentos, acidentes nas escolas de aviação, de granadeiros, de artilharia), etc.

<sup>17</sup> Esses mil e quinhentos metros representam, por um lado, o alcance realmente eficaz dos projéteis, gás, tanques, ataques etc. Sobre tropas organizadas em níveis, e de outro lado, se quisermos, as oscilações do front que nós reduzimos totalmente a esse mínimo.



Morin, de Anvers à periferia de Paris; nós concentramos em um pedaço de terreno de 3000 metros de largura ao qual atribuímos um comprimento de 900 quilômetros medindo em todas as suas sinuosidades. A superfície desse terreno é de 2,7 milhões de metros quadrados ou 270.000 hectares ou 2.700 quilômetros quadrados. Em média, haverá um cadáver para cada 1.080 metros quadrados, ou por cada quadrado de terreno de 33 por 33 metros, ou por cada retângulo de 100 por 10,8 metros. Dir-se-á que os mortos foram muito mais numerosos em certos pontos do front que em outros. Essa diferença é bem menor do que se supõe. O Vieil Armand, os Eparges, muito ativos em 1915 deixaram de sê-lo depois, Verdun, ativo em 1916 e por períodos em 1917, foi pacífico o resto do tempo etc. Todos os setores do front foram sucessivamente ativos e pacíficos. Meu cálculo teórico que mostra os cadáveres dispersos em largos intervalos, exagerando a regularidade de sua dispersão, confirma o essencial de minha experiência dos maus setores, e todos os dois são confirmados pela técnica militar que exigia a extrema dispersão dos combatentes e a organização em níveis, seja nas trincheiras, seja no ataque que se fazia, do nosso lado e do deles, tanto por ondas de indivíduos largamente separados, ondas se sucedendo a grande distância, quanto por colunas de tropas em grandes intervalos. Mesmo em agosto de 1914, na ausência de uma técnica posterior, a intensidade do fogo obrigava a abrir mais e mais os intervalos. Que cada um refaça o cálculo a partir de seus próprios dados, que aumente o número de mortos, que diminua o comprimento do front se acredita que minhas aproximações são muito inexatas: o resultado não chegará jamais a justificar o monte de mortes porque, não esqueçamos, minha hipótese apresenta como mortos do mesmo dia todos os mortos de 51 meses. Desde que se compacte bem os mortos para um dado dia e em um dado lugar, não sobra mais para o lado vizinho, sendo obrigados a admitir que em vários quilômetros de front não caiu um único morto de agosto de 1914 a novembro de 1918!

Se esse raciocínio direcionado às más testemunhas tira ademais dos pacifistas<sup>18</sup> um de

---

<sup>18</sup> Mas, dir-me-ão, você não é um pacifista? – É uma questão de palavras mas que importa aqui. Odeio a guerra e mais conscientemente que muito pacifista porque quatro anos de front impregnaram minha carne e meu espírito desse ódio. Eles são lembrados, serão sempre lembrados. Contudo, de 1914 ao momento em que escrevo isso (janeiro de 1928), não quis o epíteto que me assemelharia a tantos homens cujos métodos e argumentos desaprovo, alguns homens que escreveram livros que critico sem indulgência neste trabalho. Os pacifistas mais conhecidos, os mais verbais, os mais sensacionais tiveram como objetivo: 1º desacreditar a guerra; 2º desacreditar a guerra, 3º etc... Somos alguns, espero, a querer, por outro lado: 1º buscar, estabelecer a verdade sobre a guerra; 2º desacreditar a guerra na medida e apenas na medida em que essa verdade adquirida nos permita logicamente fazê-lo. Faço minha a bela definição de Elie Faure: “Militarista: o criador do pacifismo. Pacifista: o criador do militarismo” (aqui em *Réflexions*).



seus temas de efeito, tanto melhor. O céu nos guarda de pôr nossa fé em argumentos tão fáceis de demolir! A causa da Paz ali tem tudo a perder.

5. OS FLUXOS DE SANGUE – Sobre os fluxos de sangue eu poderia fazer citações tão abundantes quanto sobre as pilhas de mortos. É uma tradição literária que remonta a Homero de fazer derramar o sangue às torrentes no lugar do combate. Quanto a Barbusse, ele faz crepitar o sangue nas chamas que a bala tem o dom acender, parece, no corpo humano. Contentemo-nos com três exemplos: “Como um aguaceiro vermelho de sangue dos bravos respingava sobre as aveias altas (Christian-Frogé). – As trincheiras alemãs cheias de cadáveres onde eles se agitavam no sangue até os joelhos (*La Frégeolière*). Uma camada de sangue vermelho... – Uma fonte de sangue jorrando... – Um riacho negro que afluiu no rio” ... (Barbusse).

A lenda dos jorros de sangue se acha refutada ao menos em parte, porque eu já falei dos montes de mortos. Os cadáveres estando dispersos os cadáveres, seu sangue também, e os filetes vermelhos não podem constituir torrentes. Isso não impede a verdade teórica que os seis litros de sangue de cada um dos dez milhões e meio de mortos no local encheriam o reservatório de 5.000 metros cúbicos. Mas não se trata de teoria, trata do que se viu na realidade. Eu vi pouco de sangue em Verdun e alhures. Muitos cadáveres não oferecem traços ao menos que sejam levantados: a terra, a grama absorvem o sangue sob o corpo. Certos ferimentos causam a morte sem cortar uma artéria. Há hemorragias internas. Vi, mesmo, arranhão do couro cabeludo ensanguentar a trincheira mais que de dez mortos. Sob um bombardeio assassino os obuses semeiam a terra na trincheira em raros flocos de sangue como se espargem as arenas. Os que abusam dos jatos de sangue em suas narrativas são, portanto, narradores infiéis que se inspiram na tradição poética e não na sua experiência. Temos aqui um outro critério do falso testemunho.

6. Erros diversos. – É inútil discutir aqui como outras ideias falsas que foram fortemente refutadas pelos escritores do front. Tais são: o ódio pessoal que o *poilu* sente em relação aos inimigos, sua confiança e sua admiração sem reservas com relação aos grandes chefes, a ofensiva preferida à defesa, o desejo de ir até o fim, a ignorância tática do *poilu*, as balas explosivas etc.

7. AS LENDAS HERÓICAS. – Em contrapartida, gostaríamos de discutir essa opinião: a guerra deu lugar a grandes feitos, a atos de sacrifício que dizem respeito ao maravilhoso e que rivalizam em beleza lendária com o que a história nos conta de mais surpreendente: Cynégire em Marathon, Léonidas em Thermopyles, Horatius Coclès, Bayard na ponte do Garigliano. A guerra certamente deu origem às lendas, isto é, narrativas de incidentes criados do nada, ou,



como pelas lendas históricas mencionadas acima, tão deformadas pelo exagero que equivalem a uma pura invenção. Mas essas lendas dizem respeito sobretudo aos espíões e às atrocidades; é necessário acrescentar a isso as lendas sobre os efeitos maravilhosos de 1875. Essas lendas não foram localizadas nem datadas; são antes temas de lendas de que os narradores infiéis se apropriam, cada um fixando em tempo e lugar, sobre toda a extensão do front e sobretudo durante os três primeiros meses da guerra<sup>19</sup>. Quanto às lendas heroicas, há apenas duas que são de uma notoriedade geral: a *Em pé os mortos!* e a Trinchira das baionetas.

Em pé OS MORTOS. – A primeira nasceu no front, mas a forma sobre a qual ela é aceita foi criada pelos civis em Paris. Transformaram em lenda heroica a crise de emoção de um combatente visionário que exprimiu seus sentimentos no estilo dos místicos. Péricard foi socorrido, na opinião dele, pelos mortos que agiram como mortos, isto é, em espírito e miraculosamente. Os jornalistas, não tendo o sentido místico, mudaram a versão do autor o fazendo combater realmente e materialmente os feridos atingidos por uma explosão de energia. A lenda de Péricard que era verdadeira como impressão pessoal de um místico, que pode permanecer verdadeira para outros místicos, foi transformada em uma lenda heroica absurda porque, transportada no plano da realidade, ela caiu sob os efeitos das objeções da experiência, ainda que essas objeções não fossem se opor a um fato puramente místico. Pode-se reportar à análise mais detalhada que fiz mais adiante sob o título Péricard.

A TRINCHEIRA DOS BAIONETAS – A lenda da Trinchira das baionetas, em contrapartida, não analisada neste livro porque ela não encontra lugar alguma na narrativa dos combatentes, mas nós fazemos a ela frequentes alusões. Essa lenda não parece ter existido durante a guerra. Ela foi criada pelos primeiros turistas civis ou militares visitantes do front; tendo a fileira de baionetas, que emergiam do chão, eles não compreenderam o significado e fabricaram uma conforme noções absurdas que tinham da batalha. A descoberta dos ossos na trincheira cheia os confirma na sua maravilhosa invenção. Eles não sabiam que há, ao longo do front, nos maus setores, dessas trincheiras cheias que são fossas comuns de franceses ou de alemães. Nesses lugares infernais apenas se deixam apodrecer os mortos sobre o solo se não

---

<sup>19</sup> Ver entre outros os temas do cavaleiro enforcado e estripado, do batalhão inimigo destruído em um cercado, mortos congelados em quadros, cadáveres tão numerosos que ficavam de pé, pilha de palha em torno de mortos sem ferida etc. Um oficial do estado-maior, patenteado, se diz testemunha de um desses fatos; um general historiador adota um outro em sua história da Guerra (ver aqui em *Diários*: A. Bertrand, H. d'Estre, Tézénas du Montcel; *Gandolphe*; em *Réflexions*: Julia; em *Cartas*: Robert; em *Romances*: Bertrand, Des Touches).



puder fazer de outro modo; mas eles são muito inconvenientes<sup>20</sup>: eles ofuscam a vista e o olfato, causam náuseas a ponto de que não se pode mais comer, eles minam a moral. Se é ofertado na proximidade um segmento de trincheira inutilizado, apressa-se de colocar ali os cadáveres e de recobri-los de terra; livra-se assim com cem vezes menos de pena do que se fosse cavar tumbas individuais, procedimento tão longo, tão fatigante que é inadmissível na linha de frente quando se trata de uma dezena de mortos. Sejam os mortos nossos ou dos inimigos, se esforça por marcar lugar na fossa comum. Não é fácil; o que se tem à mão para isso? Tive que enterrar franceses na floresta de Forges, numa noite de dezembro de 1914: para tombas, painéis esburacadas; para cruzeiros, nada; não tínhamos conseguido encontrar nada, nenhum bastão, nenhum fuzil, nenhum destroço de batalha. Fez-se o impossível para evitar nesses casos e entre os objetos que podem servir para marcar as tumbas, os fuzis abandonados são ainda os mais fáceis de encontrar. Às vezes, se coloca a coronha para cima (o que impediria a heroica versão dos ignorantes), às vezes a baioneta para cima. Nossos livros de guerra fazem menção às trincheiras-cemitério marcadas por uma linha de fuzis. Vejam-se os fatos históricos aos quais a lenda veio se juntar após a guerra. Em junho de 1916, a 11ª corporação (Nantes) foi levada a Verdun; a 21ª divisão, general Douvin, é recrutada no 12 de junho rumo à floresta de Haudromont e na costa de Froideterre; as 3ª e 4ª companhias do 137ª de Fonetay-le-Comte sofrem um violento ataque que submerge suas fronteiras situadas nas encostas do sudoeste de Douamont; uma parte dos homens são mortos, outros são capturados, outros escampam. Os alemães, donos do terreno, juntam os mortos dispersos na terra, nos buracos de obuses e nas trincheiras, coloca-os em uma parte da trincheira que não pode servir ao seu uso, instalam fuzis ao longo da fossa e a enchem. E isso é tudo. Quanto à lenda, ela não resiste ao exame. Quando falam às vezes de trincheira cheia pelo bombardeio, os *poilus* querem dizer que a trincheira é destruída como trincheira utilizável: larga demais, obstruída demais para servir, vale mais evacuá-la e se colocar no buraco do obus que o avizinha. Os obuses são incapazes de encher uma trincheira no sentido em que os não-*poilus* compreendem encher; porque os obuses cavam tão quanto enchem e sua dispersão os proíbe de cavar sempre em uma mesma linha para preencher sempre uma outra linha. Para preencher uma trincheira, é necessário que os obuses, adaptando as sinuosidades das fossas, caíam rigorosamente a um metro à frente do parapeito, sem que um se perca na trincheira porque ele deitaria os fuzis que, para as necessidades da

---

<sup>20</sup> Sem ofensa a Henry d'Estre que, de seu posto no estado-maior, declara que sente sempre bem o corpo de um inimigo morto (aqui, em *Diários*).





lenda, devem permanecer plantados retos e alinhados durante todo o período do bombardeio. Mas suponhamos que essa impossibilidade tenha acontecido e que os obuses, desobedecendo por uma vez a lei da dispersão, tenham feito o milagre de encher uma trincheira. Restaria ainda explicar um absurdo: por que os homens se deixaram enterrar? Eu imagino a ideia dos criadores de lendas: o soldado é atacado em seu posto na floresta de Haudromont como ele estava antes na sua guarita em frente ao hotel da divisão. Essas pessoas não sabem que há mais de latitude para se deslocar na linha de frente que quando se está de guarda na caserna; que nos piores setores essa liberdade é sem limite, que a independência de cada um é total, que uma seção só fica relativamente agrupada pelo fato de um sentido bem animal, o sentido de rebanho. É inclusive para o melhor, a iniciativa de cada um lhe permite tirar o melhor de cada situação que não pode dificilmente ser pior. Esse prefere se abrigar em uma miserável fossa que serve de trincheira, prefere a proteção que oferecem os buracos dos obuses. Se a trincheira parece tornar-se insustentável, todo mundo se espalha no buraco dos obuses. Nesse caso, o que faz a verossimilhança do quadro heroico? Essa fileira de homens de pé com baionetas fixas, deixando a terra lhes subir do calcanhar ao joelho, à cintura, aos ombros, à boca... Só ficariam os braços para fora e

Esboçado no ar vazio unido grande sinal de cruz<sup>21</sup>.

Outro absurdo: nenhuma trincheira nessa data e nesses lugares não teria tido a profundidade suficiente. Outro absurdo: como é possível que desses homens enterrados vivos e de pé tivessem sido encontrados os esqueletos deitados?

A lenda é devida evidentemente aos espíritos romanescos que se deixaram enganar pelas numerosas narrativas, é bem verdade, que mencionam os soldados enterrados durante um bombardeio. Mas esses soldados estavam nos abrigos desmoronados sobre os obuses e são mortos esmagados pelos caibros ou asfixiados pelos gases de deflagração ou sufocados sob a terra. Em muitos casos, eles estão num espaço tornados vazios, recebem ar por uma fissura e são resgatados ao cabo de algumas horas e às vezes de dois dias. Mas essa versão de abrigo desabado não poderia se aplicar à nossa lenda. Em 1921 ou 1922 um artigo foi publicado no *L'illustration* sobre certa lenda e ressumo de não tê-la anotado. O autor é um padre, velho

---

<sup>21</sup> Sully-Prudhomme (Le gué) – Enterro-me em plena trincheira para um pequeno obus, caído perto do parapeito (Verdun, floresta das Caurières, janeiro de 1917). Posso dizer que não posso deixar de fazer e, ainda que aturdido, fugi rapidamente graças à massa reduzida do deslizamento de terra.





tenente no 137<sup>a</sup>, e ele protesta contra a versão lendária que associava tanta glória a seu regimento<sup>22</sup>. Causa perdida! Os sobreviventes das trincheiras das baionetas – e deve haver mais de um – viriam testemunhar fatos, que eles não apagariam a lenda e não convenceriam os amantes do heroísmo milagroso. Em contrapartida o comandante patenteado Henri Bouvar, que acreditava poder falar de Verdun em testemunho porque ele estava no estado maior da 2<sup>a</sup> armada (região de Verdun), dando em um livro com pretensões históricas uma narrativa desse incidente conforme a lenda que ele aceita (*La gloire de Verdun*, p. 119-122. La Renaissance du Livre, 1922). Mas conjuramos nossos camaradas *poilus* de jamais se afastar das lições tão claras de sua experiência e de desmentir tudo o que a contradiz, em particular as lendas heroicas. Que eles sempre declarem que o fato heroico da Trincheira das baionetas é uma mentira, que ele não tem o sentido comum e que nos cobrirá de ridículo junto às novas gerações que serão menos enganadas que nós pela beleza das anedotas de guerra. É necessário protestar, é necessário que todos os *poilus* que como eu tanto sofreram em Verdun se deem conta de que nossos verdadeiros sofrimentos se encontram insultados por essa caricatura de heroísmo saída dos cérebros dos emboscados<sup>23</sup>.

Sobre AS LENDAS. – As lendas corrompem toda a história, mas a história militar sofreu e sofre mais que qualquer outra. Um dos desejos mais ardentes do *poilu*, frequentemente repetido nas memórias de guerra, era de que se soubesse um dia, conforme pensava, após a guerra, toda a verdade sobre sua guerra. Nada se oporia a isso hoje porque as testemunhas são legião, e sobre o número não faltam aqueles que unem a probidade intelectual à inteligência. Mas desde o armistício, o público e os próprios combatentes cometeram o erro de banir o assunto da guerra, da guerra-batalha. Egoísmo no caso civis, era um crime no caso dos combatentes, uma traição do passado de sofrimentos incompreensíveis, uma traição dos amigos desaparecidos, uma traição do juramento feito antes de dizer tudo desde que se pudesse, uma traição do depoimento sagrado da verdade que cada um trazia consigo. As lendas encontrarão campo livre e a versão chocante da Trincheira das baionetas nasceu, se expandiu, se concretizou em um monumento de cimento, entre a indiferença geral dos combatentes. Onde estavam essas

---

<sup>22</sup> Comparar o protesto do professor Poisson, jesuíta, contra as narrativas lendárias de Le Goffic sobre os marinheiros de Dixmude (aqui, em Diários). – Ler sobretudo as citações que demos ao advogado católico Jubert, aqui em *Memórias*.

<sup>23</sup> “... lendas baixas que se pensam lisonjeiras e que batem na cara dos que pretendem beijar” Carta de Marc Boasson, aqui em Cartas. – “Quando os absurdos nos parecem fortes demais, publicados milhões de exemplares, um movimento de humor nos faz bem acelerados”. Jubert (aqui, em *Memórias*). “O bom francês se deixa levar, entusiasmar pelas proezas as mais ridículas com uma maldade perfeita”. Coronel Ardant du Picq (aqui, cap. VI).



cóleras que vi no front, na leitura de uma versão inexata de um feito de guerra relatado por um pobre jornalista que não aguentava mais? Não se falava nada menos que de passar ao seu escritório, durante uma licença, e lhe puxar as orelhas. Hoje que eles podem ser ouvidos, os combatentes não dizem palavra e deixam crescer uma lenda bem mais absurda que lhes davam que as narrativas que lhes davam acessos de raiva em 1915 ou 1916. Que esses dez anos de indiferença sirvam como relaxamento às mentes outrora saciadas com um assunto que é muito invasivo. Que doravante se voltasse a falar disso em um tom mais leve, com desejo de fazer sair a verdade para transmitir às nossas crianças! Jamais uma geração sofreu tanto quanto a nossa pela guerra, mas por isso mesmo nenhuma foi mais favorecida por estabelecer as verdades e enfraquecer as lendas. *Si vis pacem, para... veritatem*. Era uma banalidade no front, mas era necessário dizê-la novamente porque parece ter sido esquecida desde o armistício. Parece pronto a deixar fazer, a permitir que nossas crianças se nutram de fábulas, dessas fábulas que nos conduziram a agosto de 1914.

## APÊNDICE

As refutações eu precedem tendo por objetivo esclarecer nosso objeto, é natural reunir aqui as observações sobre os fatos que, na minha opinião, explicam a abundância de testemunhos do front em grande proporção 1º dos *poilus* mais velhos, 2º dos intelectuais na trincheira. Tentar-se-ia atribuir a quantidade de lembranças pessoais unicamente ao grande número de mobilizados tendo estado no fogo, número muito superior de fato aos efetivos combatentes dos dois Napoleões. É a explicação que se oferece à primeira vista e unicamente. Anos de estudos me convenceram que as duas razões anteriormente citadas são bem mais prováveis.

Em nenhuma de nossas guerras, desde 1792 a idade média dos combatentes foi tão elevada e são os homens feitos que se analisam e que se narram mais que as Maria-Luisa. O quadro II que dá a idade exata dos 5/6 dos autores examinados aqui, revela que o ano médio de seu nascimento é 1883-1884 e sua idade média 30-31 anos em 1914, 34-35 em 1918. Os jovens soldados têm bem pouca escrita. Foi o mesmo com a guerra de Secessão de que um americano disse: “The war was fought by a ryge army of boys”. Encontrei a esse respeito alguns dados que estabelecem um contrastes eloquente entre as duas grandes guerras da raça branca do ponto de vista efetivo. Entre os 2.778.304 soldados da armada da União, 72% tinham 22 anos e abaixo.



(Ou ainda: 28% tinham mais de 22 anos, 43% tinham de 18 a 22 anos, 25% tinham 16 e 17 anos, 3,5 % tinham 15 anos. Não se tem preciso em que momento eles tinham essa idade, sem dúvida em seu alistamento). Por outro lado, 50% dos mobilizados franceses tinham de 29 a 47 anos em 1914 e 33 a 51 anos em 1918 (homens nascidos de 1867 a 1885, classes 1887 a 1905).

A segunda razão é que os homens das profissões liberais foram enviados e mantidos no front em mais forte proporção que os das outras profissões, como suas perdas em mortes o comprovam. Supomos de fato que as perdas em mortes se distribuem entre as profissões na proporção dos efetivos mobilizados em cada uma delas e relacionamos 100/M (ou Mortos/Mobilizados) essa relação igualitária de mortos aos mobilizados. Encontrar-se-á que que realidade o numerador foi não 100, mas muito menor ou maior seguindo as aptidões das diversas classes aos serviços de retaguarda:

Minas	57/M	Agricultura	124/M
Transportes	62/M	Comércio	134/M
Indústria	70/M	Domésticos não agrícolas	189/M
Serviços públicos	78/M	Profissionais liberais	209/M

Fiz os cálculos com os dados tomados dos estatísticos que encontrei no *Almanach du combatant*, anos 1923, páginas 29-32. Essas perdas de profissionais liberais permitem julgar o preconceito em Barbusse de lisonjear preconceitos populares<sup>24</sup>.

## **CAPÍTULO VI: AS NARRATIVAS DE GUERRA ANTES DE 1914**

As lembranças da Grande Guerra não são evidentemente sem exemplos no passado da nossa literatura ou a da antiguidade. Elas dão contudo a impressão de serem únicas no seu gênero e essa impressão parecem responder a uma realidade quando lidas relativamente todas e que lidas ou relidas algumas das narrativas pessoais mais conhecidas do passado. Não convém que eu fale com muita segurança destas porque eu conheço apenas bem pouco dos exemplos, mas o que eu li, eu as estudei com a mesma atenção, o mesmo escrúpulo os detalhes que as memórias de 1914-1918. Se não me aventuro muito, será útil preceder a crítica e análise dos

---

<sup>24</sup> «Nada de profissão liberal à minha volta... Somos soldados combatentes, nós outros, e não há quase intelectuais..., etc.» *Le feu*, p. 19 (ver aqui em *Romances*).



livros de guerra de nossos contemporâneos para algumas observações nos livros de guerra dos nossos ancestrais.

A ANTIGUIDADE – A antiguidade nos oferece memórias pessoais? Eu conheço apenas *L'Anabase* e *La guerre des Gaules*, narrativas de comandantes na liderança e por isso mesmo contrários ao seu espírito ao do que pesquisamos: impressões dos soldados nos falando enquanto homem e não depoimento justificativo provando que a campanha foi bem gerenciada. Xenofone é melhor que César nesse ponto de vista, parece mais sincero e confia seus sentimentos com mais abandono. Também os *poilus* cultos os citaram mais de uma vez e quando não o podiam, eles faziam alusão à longa e difícil caserna. César faz pensar em Ludenndorff; no caso dos dois, o leitor sente a tese e o desejo da justificativa. Passemos, não há nada lá para nós, mas notemos superficialmente que Quinte-Curce escreveu uma pretensa história de Alexandre que é um puro romance. Esse exemplo não será perdido.

DA IDADE MÉDIA À REVOLUÇÃO – Avancemos os séculos. Deixei de ler Joinville porque me pareceu que as aventuras tinham mais lugar que a guerra em sua narrativa. Eu não pude encontrar o *Loyal Serviteur*, mas seria interessante controlar suas relações de proezas porque foram assinaladas no caso dele graves inexatidões sobre os feitos da guerra de Bayard. Como podemos pretender julgar os soldados em geral quando não verificamos os grandes feitos do combatente mais famoso? Em Monluc se pode colher observações interessantes que nos teriam esclarecido antes do primeiro choque de 1914 se nós soubéssemos compreender. Testemunha do progresso das armas de fogo, Monluc assinala o momento ou elemento atlético ou esportivo no qual desaparece a batalha. Desde que um soldado frágil possa abater de longe um guerreiro forte, hábil e bravo, feita da antiga noção de coragem, a que chamo de coragem de Aquiles (Ver Capítulo V). Que prova de nossa ignorância, de nossa obstinação pelas lendas, que essa ideia de coragem de Aquiles ser ainda aceita em 1914 depois de 350 anos de progresso incessante de armas de fogo depois de Monluc! Mas como Xenofone e César, Monluc é um grande líder; ele escreve como tal e não se esquece a não ser raramente de falar como ser humano. Passemos, passemos. Assinalo o príncipe de Ligne apenas para notar sua frase, muito conhecida, de reverente admiração pelo homem de guerra, e por sublinhar duas outras bem pouco conhecidas, mas mais fecundas em ensinamentos. Debochando dos teóricos que discutiam sobre o melhor modo de usar o sabre pelos cavaleiros, ele pergunta: “Vale a penas dissertar como se deve dar esse golpe de sabre que não existe?... Por que falar do que não acontece nunca?” Sobre a arma de choque da infantaria ele é tão cético quanto à da cavalaria:



“Estou bem distante de acreditar nas baionetas, apesar de todos os belos feitos que contam os franceses em todas as suas guerras”<sup>25</sup>.

DE 1792 A 1915 – Mas eis que estamos na Revolução e é apenas desde esse momento que nós teremos qualquer coisa que soa melhor em nossos livros de guerra. Pela primeira vez a tropa teve cadernos de rota e se correspondeu com a família: diários de campanha e cartas de guerra, é ainda hoje o que caracteriza o melhor do pensamento escrito do combatente. Intui-se isso porque eles aparecem então e não antes. No lugar dos mercenários estrangeiros ou nacionais, iletrados sem ligação com os civis, nós temos uma armada nacional em que mais de um sujeito do interior escreveu convenientemente e pensa racionalmente, mantém sua família informada de suas aventuras e às vezes possui um caderno de rota. Não são mais os soldados no sentido antigo, são os cidadãos com os dons e as virtudes da pequena burguesia, dos artesãos, dos fazendeiros. Grande revolução do ponto de vista que nos interessa! Quanto resta desses documentos manuscritos nos arquivos privados ou públicos? Publicou-se muito pouco para que possamos julgar no geral; é necessário desejar que outros diários vejam o dia se queremos conhecer as guerras do tempo na verdade de seu detalhe em vez da lenda de seu conjunto. Mas seria necessário também que os que se encarregam de editar os manuscritos ou de reeditar as obras tornadas inacessíveis sejam dotados de senso crítico e senso histórico. É o que não se encontra muito em Lorédan Larchey, entretanto saído da Ecole des Chartes que editou o diário do sargento Fricasse e reeditou as memórias do capitão Coignet, nem em H. Gouthier-Villar que editou as memórias de Vaxeaire, nem em Raul de Cisternes que editou o diário do granadeiro Pils, nem em Maurice Barrès que editou a memória de seu avô, o comandante Auguste Barrès, e ainda menos em François Castanié que preparou uma edição popular de Coignet, a única não esgotada hoje. Esses editores não se propõem a servir à história de uma maneira desinteressada. Larchey, o melhor dentre eles, conta que o diário de Fricasse fará “condenar por nossos contemporâneos esse ao bem-estar a qualquer preço que ameaça falsear nosso julgamento dos deveres militares”... o espírito de covardia de “alguns artigos de paramédicos de 1871 que poderia citar como dos modelos desse gênero antinacional principalmente” (p. ix-x). Raoul de Cisternes edita Pils para fornecer “sua pedra fundamental que esse fim de século elevou à glória de seus primeiros anos” (p. x). Barrès quer “seguir a tendência do espírito nacional e distinguir o verdadeiro desenho político da França” (p. XVI). Esses editores não nos informam

---

<sup>25</sup> *Préjugés militaires*, ed. Dumanine, Paris, 1875, p. 12 e 22. Comparar com Ardant du Picq: “O manejo do sabre é uma piada tão boa quanto a esgrima com a baioneta...”. Ver Cap. VI.



exatamente sobre o manuscrito original que eles corrigem ou resumem sem nos permitir saber onde e em que medida. Larchey eliminou as repetições e as palavras inúteis, e é uma pena. Raoul de Cisternes pretende estar confinado a afrancesar certos torneios de frases alsacianas, mas a comparação do fac-símile de uma página do manuscrito com o texto impresso prova que ele recompôs quase ao original. Barrès demonstra uma incompreensão total do valor documental: ele deveria ter dado *em extenso* o fragmento do diário original, único válido, é que cobre apenas quatro meses, se reservando de abreviar tanto quanto necessário as lembranças modificadas e verdadeiramente deformadas que foram escritas de 30 a 40 anos depois dos acontecimentos. Os redatores de memórias muito frequentemente narraram em sua velhice as aventuras de sua juventude e quando eles tinham para se guiar notas tomadas de outrora no dia a dia, eles as desenvolviam com um espírito diferente, suprimindo as impressões que para nós são as mais preciosas porque elas são pessoais e sinceras, para substituí-las por uma versão banal da lenda criada posteriormente aos fatos.

JOLILER – As correspondências não têm esse defeito. Um literato contemporâneo Étienne Jolicler editou as cartas de guerra de François Xavier Joliclerc, primo de seu bisavô, voluntário da armada de 1793 a 1796. Há apenas dezoito cartas, endereçadas pelo soldado à sua mãe, camponesa do Jura. O estilo é notavelmente correto, há apenas algumas falhas ou particularidades para provar sua originalidade (eu fiquei...; se o Parque não encerra o fio dos meus dias), mas Joliclerc se exprime bem simplesmente na maior parte dos casos. Ao ler essas cartas o combatente de 1914-1918 se encontra em país conhecido: bem poucas menções aos combates a fim de não inquietar sua mãe, aspirações à paz a despeito de sua improbabilidade, luta infrutífera contra os piolhos, cólera desdenhosa contra os emboscados<sup>26</sup> e os bons faladores de antes, precisam de um pouco de dinheiro para poder beber vinho de tempo em tempo, felicidade de receber cartas de casa, espera da morte porque não se saberia fazer sempre a guerra e continuar a escapar dela. Pode-se nada imaginar de mais conforme aos sentimentos expressos pelos *poilus*? E nada mais estranho às bobagens senis e às mentiras gloriosas do capitão Coignet? Joliclerc é piedoso mas ele não quer rezar pela vitória: “Por que pedir pela chuva enquanto meu camarada pede pelo calor? Não. Eu digo simplesmente: Que a santa vontade se

---

<sup>26</sup> A fabricação das munições desempenha o mesmo papel que na nossa guerra: “Esses cidadãos preferem fabricar pólvora a queimar o bigode dos austríacos (p. 189). Soube que havia jovens que davam até mil desculpas para trabalhar na extração do nitrato” (p. 200).



faça sobre a terra como ao céu” (p. 168). É o que encontramos nos nossos melhores livros de nossas guerras<sup>27</sup>.

FRICASSE – O diário de marcha do sargento Fricasse foi escrito no dia a dia, ou quase, e muito evidentemente sem ajuda de um colaborador instruído. Esse testemunho é desprovido de glória, é sincero e se o autor tivesse podido se colocar do ponto de vista estritamente pessoal ele teria nos fornecido um documento precioso. As passagens pessoais, muito raras e muito breve, são excelentes; mas o sargento acredita que interessa narrar as campanhas da armada da República, ele explica os movimentos de sua armada, de sua semibrigada, mais raramente de seu batalhão e de sua companhia.

É raro que ele diga eu, ele adota um nós impessoal. E no entanto ele sabe ver; ele tem descrições ingênuas e saborosas dos países estrangeiros, dos costume e dos usos dos habitantes. Ele descreve as misérias do inverno 1796-1797 com um tom de verdade: “O rigor do inverno parecia aliviar nossos males; a neve, a chuva gelada vinham pesar sobre nossas roupas leves... realmente era miséria e compaixão. Nossos soldos estavam atrasados há vários meses e nós não recebíamos mais um centavo... Um pouco de pão gelado era toda a nossa comida, esse lugar não permitindo encontrar madeira para esquentar nossos pobres membros todos afligidos de frio no acampamento” (p. 93-95).

PILS – O diário de marcha do granadeiro Pils, pai do pintor Isidore Pils, é muito mais abundante. Não se encontram senão raras notações pessoais e sinceras que remontam ao caderno de rota; todo o resto traz a marca de uma redação posterior aos acontecimentos, feita provavelmente com a ajuda da história de Thiers. Não sejamos enganados por tais documentos que pretendem nos dar as impressões imediatas da epopeia. Eles nos dão somente as da lenda de Aigle, quando levou todo o tempo que precisava para se constituir. Contudo, Pils é superior a Marbot e a Coignet: longe de ser um fanfarrão e um mentiroso, ele é muito modesto e o que provém de suas memórias pessoais é muito bom. Infelizmente ele que narrar as campanhas de Napoleão e elaborar estratégias. Veja-se uma notação pessoal: organização de Oudinot, ele narra a pilhagem pelos franceses do castelo saxão onde o marechal veio estabelecer seu quartel general em maio 1813. “Os móveis e as mesas que guarneciam essa suntuosa residência tinham sido destruídos; as telas de mestres e as fotografias tinham sido cortadas pela baioneta. A

---

<sup>27</sup> Por exemplo o pastor Giran, soldado argelino de 2ª classe, ou Bouguet, tenente-coronel patenteado (aqui em *Reflexões* e em *Cartas*).





catástrofe da guerra aparecia lá em todo a sua fealdade; os bárbaros não tinham agido com mais brutalidade (p. 166)”.  
BARRÈS – Jean-Baptiste Auguste Barrès era mais jovem que Joliclerc, Fricasse, Coignet e Marbot de 18, 11, 8 e 2 anos, mas tinha um ano a mais que Pils. Simples soldado nos recrutamentos de infantaria da guarda durante 3,5 anos, ele assistiu em Ulm, Austerlitz, Iéna, Eylau e Friedland mas sem ser engajado. Subtenente em dezembro de 1807, tenente em 1809, capitão em 1812, ele fez campanha na Península, assistiu em Lutzen, Bautzen, Leipzig e na caserna; ausente Waterloo. Ele terminou sua carreira como chefe de batalhão, promovido a esse grau em 1827. Seu neto e editor chamou *souvenirs* o que é verdadeiramente um diário de 1804 a 1835, mas a partir de 1804 a 1814 é provavelmente bem mais abundante que a que segue. O que Maurice Barrès publicou é um estrato de um manuscrito que deve ser muito longo. Deve-se desejar que Philippe Barrès publique inteiro esse documento que é particularmente interessante pelas razões seguintes. Em 1804 o jovem soldado de 20 anos resolveu ter um diário; com 56 anos ele decidiu transcrever suas velhas notas e sabemos que ele completou essa transcrição há 61 anos, em 1845. Seu neto conhece apenas essa segunda redação, mas ele descobriu em seguida um caderno contendo as notas originais do período de 18 de julho a 17 de novembro de 1805 e, contudo, ele nos deu os trechos desse período. Por que ele achou bom fazer cortes em um documento tão curto e tão precioso, o único que nos dá as impressões diretas, espontâneas e sinceras? Eu pude comparar esse fragmento de 24 páginas (página 30-54 do volume) as passagens correspondentes da segunda redação (*Revue des Deux Mondes*, de 1922, 1º de outubro, p. 504-508). Como se pode suspeitar, as duas versões diferem; o jovem soldado de 1805 e o velho oficial da reserva não escrevem sob as mesmas influências. Veja-se como a segunda versão é deve “melhorar” a primeira. *Estilo*: ela adiciona palavras inúteis que tornam o texto banal. *Fatos*: ela omite quase tudo o que é anotações pessoais dos soldados sobre si mesmos, seu esquadrão, sua companhia e a substitui por uma histórica que explica os movimentos das grandes unidades e por tudo o que podiam fornecer as histórias publicadas antes de 1840 ou mais tardiamente 1845. *Realidades da guerra*: ela omite a menção à chuva, à lama, ao frio; a menção às bebedeiras e as pilhagens que condenavam o honesto soldado. *Sentimentos sobre a guerra*: ela omite as frases seguintes e tudo o que participa do seu espírito, “quatro meses de corrida, de cansaço, de miséria me provaram que nada é mais temeroso, mais triste que a guerra (p. 32). Se eu tivesse caído me deixado cair, eu não teria conseguido me levantar, tanto minhas forças estavam aniquiladas. Não caminhava mais, eu me arrastava...



Começava a lembrar de Paris (p. 35). Eu fui testemunha de uma amostra dos horrores da guerra... A vila [bávava] foi em instantes inteiramente devastada; não se contentavam de tirar a madeira, tiravam os móveis, os instrumentos de arado, os objetos pessoais, a roupa. Os líderes se perceberam, mas tarde demais, dessa torrente devastadora... Esse espetáculo, novo para mim, me partiria o coração; eu derramava lágrimas sobre a sorte desses pobres habitantes (p. 40). Nós estávamos sob corrente de chuva, na lama até os joelhos, não tínhamos comido nada durante o dia e todos os nossos membros adormecidos de frio... Um oficial veio nos tirar desse lugar de morte... Eu vi pela primeira vez um campo de batalha. Esse espetáculo me congelava de medo... tudo era cheio de morte... eu não comi o dia inteiro (p. 43)”. Se esse soldado fala assim<sup>28</sup> ele que serve nessa unidade de elite que Napoleão favorecia e recusava expor, as impressões dos soldados ordinários deviam ser bem piores e mais ou menos conforme as nossas. São elas que nos informarão a verdade da epopeia imperial quando saberemos encontrá-las sob a forma original que elas deveriam conservar. A glória napoleônica foi provada apenas por velhotes que traíram as impressões de sua juventude. Auguste Barrès como outros sofreu a influência corrupta de uma lenda muito posterior a Waterloo, mas sua narrativa se contenta de esconder as feiuras e os sofrimentos, ele tornou-se banal, vazio, pomposo, sem jamais cair na invenção ou na mentira. Eu examinei o texto da segunda versão e não encontrou ali qualquer traço dessas fábulas que são o essencial do texto de Marbot e de Coignet. O velho comandante não pôde mesmo resolver apagar a impressão de horror que lhe causou Eylay em que ele foi apenas expectador: “A mais horrível carnificina... terrível espetáculo... me saí apavorado (p. 87-88)”. Auste Barrès é um homem honesto.

MARBOT E COIGNET – Eu guardei para o final Marbot e Goignet que oferecem o mais perfeito exemplo de deformação de lembrança de guerra que eu conheça. Suas lembranças são um documento que nos instrui sobre a atitude que temos tido com relação à guerra: flagelo terrível enquanto dura, nós a detestamos; enfeitado de heroísmo, de glória, cantado de modo épico, vinte ou quarenta anos depois, nós achamos que ela lisonjeia mais que o triunfo da paz. Também Marbot e Coignet são os mais populares dos soldados memorialistas de todas as nossas guerras antes de 1914 porque eles nos mostram a beleza dos combates melhor que os outros.

---

<sup>28</sup> Trata-se, não nos esqueçamos, da campanha de Austerlitz que nos apresenta como uma marcha triunfal de soldados exaltados de glória.



Irmãos pelo sucesso na mentira<sup>29</sup>, e por suas funções de emboscadas do front, eles diferem de todo o resto. Um de família burguesa, filho de um general chefe da armada da Diretoria, foi ajudante de campo de diversos marechais, depois coronel de cavalaria sob o Império, morreu tenente general, inspetor general de cavalaria, grande oficial da Legião de honra e nobre da França. O outro, valete de fazenda iletrado, aprendeu a soletrar para passar ao cargo de sargento, serviu nove anos no posto como granadeiro da Guarda, dois anos como oficial do serviço de correios da sede geral, não conseguiu jamais ler correntemente e permaneceu incapaz de escrever suas lembranças. Esses dois mestres falastrões diferem de todos os outros memorialistas que conheço no que diz respeito a jamais tomarem notas e redigiram tudo de memória na sua velhice; longe de se esconder, eles se gabam.

COIGNET – As lembranças de Coignet foram redigidas entre 1850 e 1853 por algum escriba que tinha levado a sério as bravatas que o velho soldado narrava há 35 anos em um café de Auxerre. Sobre as campanas do Império o soldado napoleônico não podia testemunhar pois ele só os acompanhou como espectador sem nunca estar engajado. Mas esse soldado da retaguarda se coloca como abatedor. Sendo oficial do serviço de correio, ele encontra o meio de matar um oficial bávaro em 1813, um oficial inglês na véspera de Waterloo, um oficial prussiano depois. Seu editor Castanié, excitado pelo tom sedutor do livro, se coloca em sintonia com a lenda e diz que seu herói “tinha livrado a França de uma centena de inimigos (p. III)”. Eis que nos informam sobre o efeito da intoxicação que produzem essas narrativas gloriosas. Coignet tem um dom de ubiquidade que lhe permite se encontrar em todo lugar onde se passam os acontecimentos históricos; ele talha para si um papel de primeiro plano em todas as lendas caídas no domínio comum, em todos os episódios narrados por Thiers cujo escriba de Auxerretinha o texto sob os olhos para guiar as narrativas erráticas de seu narrador. O Petit Caporal monta a guarda no lugar da sentinela? Essa sentinela é justamente o camarada de quarto de Coignet que foi testemunha da cena. Lannes foi morto em Essling? Caulaincourt em Smolensk? Colocou-se a maca de Lannes “no meio a nós” e Caulaincourt “eu vi cair a dois passos de mim”. Coignet em Iéna viu a rainha da Prússia fugir em sua carroça, em Paris ele viu as roupas de baixo de Marie-Louise e carregou o rei de Roma em seus braços; na ponte de Bérézina, antes de autorizar a passagem, Napoleão colocou o marechal Davout à direita e Coignet à esquerda da entrada da ponte. E é assim ao longo de todo o livro. Às vezes os detalhes

---

<sup>29</sup> Cf. Genevoix sobre os faladores de 1914: “Os maníacos da mentira, os cômicos malfeitores, e que não têm outra desculpa que não ignorar o mal de que são responsáveis”. (Aqui, em *Diários*).



têm algo de surpreendente: fala-se de um platô famoso em Austerlitz? Coignet o vê como “montanhas inacessíveis”. Inútil prosseguir porque todo o livro é tecido por esses exageros. Pode-se afirmar sem dúvida de erro que em *Os três mosqueteiros* Dumas dá o quadro mais exatamente histórico que as pretensas lembranças de Coignet e as pretensas memórias de Marbot.

MARBOT – Marbot não se contenta com as narrativas de batalha, ele declara ter sido encarregado de missões diplomáticas e militares que o faz atravessar toda a Espanha, Alemanha e Áustria. Émile Bourgeois quis examinar duas de suas narrativas de missão e concluiu que são inventadas do zero. Seria bom verificar as outras. Não sou qualificado para fazê-lo e me contento de examinar os incidentes de menor importância. Essas verificações não oferecem dificuldade alguma desde que se saiba fazê-lo: os falastrões não calculam jamais e é pelo cálculo que se destacam os seus absurdos. Veja-se um exemplo: 3 de dezembro de 1805, no dia seguinte a Austerlitz, Napoleão “chegou às margens do lado de Satschan... percebeu flutuando a cem passos do dique um amplo pedaço de gelo isolado sobre o qual estava estendido um pobre suboficial russo... a coxa atravessada por uma bala... Napoleão ordenou fazer tudo o que se poderia para salvar esse infeliz”. Depois de tentativas infrutíferas por outras, Marbot e um tenente se despem, entram na água, chegam ao gelo, empurram-no nadando, depois “sentindo enfim que nós tínhamos o pé no fundo do lago, nós passamos nossos ombros embaixo do bloco de gelo e o levamos para a costa... O imperador veio felicitar o tenente e eu pela coragem etc... e chamando seu mameluco Roustan... ele nos fez beber de um excelente rum...”. (tome I: p. 265-270). Todo homem que tem o hábito de comparar as narrativas que leu à sua própria experiência ficará cético diante dessa história, ele pegará um lápis e calculará com a ajuda de peso específico de gelo qual deverá ser a dimensão de um gelo capaz de suportar a carga de um homem de 70 quilos. Ele achará que se o pedaço de gelo suportado deve emergir em alguns milímetros, deverá atingir um peso de 1000 quilos; esse bloco é o que Marbot e seu companheiro tinham levantado sobre seus ombros e transportaram na costa andando na lama, com o russo estendido sobre “o pedaço de gelo”. Eis seis páginas inteiramente consagrada na narrativa detalhada de uma pura lorota. Pode-se mesmo, ainda que Marbot seja muito moderado nas datas, calcular a rapidez de suas viagens na carroça nas suas missões de Paris a Berlim ou a Dantzig. Chega-se a resultados prodigiosos. Assim, em 1807 Marbot parte de Paris em 10 de maio do castelo de Finkestein, perto de Osterode ao sudoeste de Dantzig. Ele faz a viagem em oito dias e meio, descansa um dia, volta a Paris de onde é reenviado imediatamente a Finkestein,



onde, sua missão cumprida, ele se une a Lanes em Marienbourg, em 25 de maio. Em quatorze dias Marbot percorreu três vezes a distância de Paris na Polônia, as duas últimas viagens são feitas em quatro dias e meio, ou seja dois dias e um quarto para cada uma. Ele se gaba dessa rapidez superior à de todos os outros mensageiros e que lhe vale elogios do imperador (I: p. 358-360). Quanto ao episódio muito conhecido de sua égua Lisette em Eylau, ele foi admirado por pessoas que se recusam a refletir; para explicar a moda de uma história tão inverossímil é necessário admitir que a credulidade dos leitores é sem limite (I: p. 345-357). Que pensar do general de cavalaria Morland, morto em Austerlitz, trancado em um barril de rum, enviado a Paris onde dez anos depois “o barril sendo quebrado pelo envelhecimento, ficou muito surpreso de ver que o rum tinha feito crescer o bigode do general de um modo tão extraordinário que ele passava para baixo da cintura (I: p. 264)”. Eu me limito aqui ao primeiro dos três tomos e apenas menciono que anotei bem poucos erros. Como Coignet, Marbot recolhe lendas do folclore dos soldados napoleônicos, adapta-as a seu uso e se serve delas várias vezes. Na sede de Gênova uma bomba “caindo sobre o brigue inglês, o perfurou do convés à quilha, e ele se afundou num piscar de olhos” (I: p. 113). No campo de Bolonha o Imperador apontou um morteiro em um brigue inglês e erra, mas o cabo “ajusta por sua vez e faz cair a bomba bem ao meio do brigue, que furou cada vez mais... se encheu de água imediatamente imerge majestosamente” (I: p. 203-204). Esse tenente general tem a mesma presunção cândida que o analfabeto Coignet: “Assisti a essa cena... [o ato de rendição de Gênova]. Sou o único oficial que... [Marengo] etc.”. Há pessoas para aceitar titubear as narrativas de combates desse gênero? “Embora nossos soldados atirassem sobre os inimigos a vinte e cinco passos, estes continuavam sua rota sem responder, porque para fazê-lo seria necessário parar e os momentos eram muito preciosos. Cada divisão, cada regimento [russo, algumas semanas antes de Eylau] marchou então sob nossa fuzilaria sem dizer palavra nem diminuir sua marcha um único instante. As ruas de Golymin estavam cheias de moribundos e feridos, e não se ouvia um único gemido porque eles eram proibidos. Foi dito que nós atiraríamos em sombras. Enfim nossos soldados se lançaram com a baioneta sobre essas massas e foi apenas os perfurando que eles adquiriam a convicção de que estavam lidando com homens” (I: p. 327). Os três grossos tomos alcançaram perto de cem edições na França e o sucesso dessas traduções foi relativamente grandioso. Uma edição escolar, contendo os episódios salientes, foi lançado na Inglaterra em 1897; ela teve um grande sucesso nas escolas americanas durante a guerra. Marbot, depois de ter alcançado os mais altos graus da armada, não recuou diante de qualquer inverossimilhança, e, supondo a lamentável credulidade do



público a respeito da lenda de Aigle, explorada sem limite. O publicou tudo aceitou, os próprios historiadores não buscaram querela com Marbot a não ser em certos pontos. Ah! Marbot bem nos dá um documento, mas é um documento sobre a estupidez humana fascinada pela glória militar<sup>30</sup>.

LEMBRANÇAS DE 1870-1871 – Entre 1815 e 1870, as campanhas da Argélia, as guerras da Crimeia, da Itália e do México deram lugar às lembranças. Porém, não se podem comparar pela quantidade a que nos deu a guerra de 1870-1871. O comandante patenteado Palat, atualmente general, publicou em 1896 uma bibliografia contendo em torno de 7500 títulos de obras sobre essa guerra: história, técnica militar, histórias únicas, relações de repórteres, contos e romances de guerra, e em particular diários, cadernos e lembranças. A parte mais volumosa se compõe de obras alemãs e a menor de obras francesas; algumas obras dos não beligerantes encontram-se ali, inglesas na maior parte. Qual é exatamente o número dos livros franceses e, entre eles, o número dos livros de lembranças pessoais? É impossível dar disso a mais vaga aproximação, pois, eu já disse, apenas a leitura pode revelar a natureza dos textos sobre a guerra, os títulos sendo o sinal o mais enganoso. É certo que nós vivemos na ignorância a mais absoluta sobre sua quantidade, sua qualidade, seu valor documental. Podemos unicamente supor que se eles não fossem inferiores às lembranças pessoais de 1914-1918, eles não teriam ficado desconhecidos como estão: os melhores esgotaram-se há muito tempo desde sua primeira edição e não foram reimpressos; os outros não são vendidos. Quis conhecer um certo número e todos os que encomendei esgotaram-se, exceto um, as *Impressions de campagne* do doutor H. Beaunis, que é muito estimável<sup>31</sup>.

Os romances sobre 1870-1871. – Mas o que distingue a literatura da guerra de 1870 é a predominância do romance sobre as lembranças reais; se as lembranças ficaram desconhecidas embora numerosas, os romances e os contos, pouco numerosos, mas graças aos escritores talentosos, civis ou não combatentes, adquiriram uma reputação mundial. Certos contos de Alphonse Daudet e de Maupassant, as seis novelas dos *Soirées de Médan* por Zola, Maupassant, Huysmans, Henry Céard, Léon Hennique e Paul Alexis, *La débâcle*<sup>32</sup> que Zola publica há vinte

---

<sup>30</sup> Cf. Genevoix sobre os faladores de 1914: “Os manipuladores do heroísmo fabricado, os colecionadores de proezas sobre-humanas, os cozinheiros da epopeia de usos do passado. Ah! Essa credulidade imensa do passado, e o que essas pessoas lhe dão de alimento!” (Aqui em *Diário*).

<sup>31</sup> Ver em Bibliografia da Introdução.

<sup>32</sup> Ver em Bibliografia da Introdução.





anos depois da guerra, *Une époque*<sup>33</sup>, a teatologia que os irmãos Margeritte publicaram de 27 a 33 anos depois da guerra, todas as ficções fazem da guerra um tema literário. Zola se informou com cuidado, mas como ele não tinha visto nada do que conta, ele só pode sustentar que nos tem dado um romance histórico, o que nunca é um testemunho. Os Margueritte esforçaram-se ainda mais para fazer reviver uma época já remota, mas é necessário se lembrar que eles eram crianças de 10 e 3 anos na época da guerra. Esses escritores seguiam uma tradição: durante muito tempo o público foi representado nas guerras de 1792 a 1815, menos pelas memórias, bem pouco lidas, que pelas narrativas militares de Balzac, o episódio de Waterloo por Victor Hugo n*Os Miseráveis*, as 40 páginas de Stendhal na *Chartreuse de Parme*, o sequestro do reduto de Merimée, os fragmentos muito curtos de Vigny na *Servitude et grandeur militaires* e as cartas da Itália de Paul-Louis Courier. Eram de grandes escritores, eram de grandes obras, mas as páginas consagradas estritamente à guerra formavam um total modesto. Balzac, o mais abundante, o que nos dá? Passagens bem curtas de três romances *Les chouans*, *Une ténébreuse affaire*, *Le médecin de campagne*; alguns contos militares nos quais a guerra não aparece por assim dizer: *Le colonel Chabert*, *Adieu*, *L'auberge rouge*, etc. É necessário lembrar o estabelecimento dessa tradição e por várias razões: 1º O talento dos escritores não impedia suas ficções de serem uma imagem distante da realidade, pois não tinham jamais assistido a um combate, salvo Stendhal nos seus inícios e foi sempre incapaz de contar a sua campanha; salvo também Courier que tinha o dom de escrever cartas nas quais ele inventava quase tudo; 2º Essa tradição habituou o público depois de 1871 a buscar os quadros e as impressões da guerra nos romancistas mais do que nos velhos combatentes; ela explica em parte o esquecimento no qual caíram as narrativas de testemunho; 3º A tradição anterior a 1870, reforçada pela de 1871 à 1914 comprometeu a apreciação dessa magnífica floração de impressões pessoais publicadas de 1915 à atualidade, em proveito de três romances de combatentes (*Gaspard*, *Le jeu*, *Les Croix de bois*) e de toda a literatura de romancistas civis que tomaram a guerra por tema (Bourget, Bazin, Bordeaux – que escreve à paisana ainda que usando o uniforme -, Le Goffic, Dumur etc.). O público vai buscar a guerra em todo lugar exceto onde ela se encontra e Ernest Psichari morto na guerra mas não inspirado por ela é considerado como escritor do front; 4º Chegou-se a formular os princípios sobre os quais a tradição é supostamente estabelecida: toda obra de expressão pessoal não poderia ser senão obras de literatos, livre das contingências de datas e de

---

<sup>33</sup> Ver em Bibliografia da Introdução.





fatos precisos; o caderno de rota é apenas banal, monótono, condenada ao prosaico dos acontecimentos jornalísticos tolamente notados, o que lhe interdita todo o escopo geral como toda realização da arte. Os Tharaud, embora combatentes, expõem esses princípios em seu livro de guerra (ver aqui em *Souvenirs*). Diversos artigos de crítica sobre os livros da guerra demonstram esses princípios com a ajuda de exemplos escolhidos entre as obras que são objeto de nosso trabalho (ver em particular Marie e Nourry em *Monde Nouveau*, em 15 de dezembro de 1925).

OS MALFEITOS DA TRADIÇÃO LITERÁRIA – Assim, para falar bem da guerra seria necessário nunca tê-la vista, seja nunca tê-la notado e esperar tê-la suficientemente esquecido. Não se deve surpreender-se se essa enormidade causou irritação no autor desse livro: explica-se assim por que sua crítica tornou-se dura quando se ocupa dos literatos puros e dos que professam desprezar os cadernos de rota.

5º Os literatos que deram livre curso à sua fantasia nas suas ficções de guerra incorrem em responsabilidades. Penso que Maupassant e, em menor grau, Zola têm uma parte de responsabilidade nas atrocidades de agosto de 1914. Quando o primeiro descreve um camponês que assassina prussianos, uma camponesa que coloca fogo em sua casa para queimar o inimigo alojado em sua casa, um atirador argelino que serve a seu tenente “um excelente filé”... de prussiano (*La père Milon, La mère Sauvage, Tombouctou*); quando o segundo, com sua mania de detalhes horríveis, descreve a cena em que o alemão é sangrado como um porco por franco-atiradores, (*La Débâcle*, p. 358), eles caluniam seus concidadãos; mas os alemães, levando a sério essas distrações dos romancistas naturalistas, acreditaram encontrar exemplos em 1914 e sua repressão foi o que se sabe. As invenções absurdas de dois grandes romancistas franceses agiram como as mentiras que caíram sobre aqueles que as lançaram ou sobre seus vizinhos inocentes. Porque é necessário se dar conta que Maupassant e Zola eram muito lidos na Alemanha onde eles eram, com relação aos nossos autores romancistas, mais populares que na França. Se eles tinham caluniado seus compatriotas de 1870, Dumur caluniou os alemães de 1914 em romances nos quais ele levou aos últimos limites a descrição da bestialidade sangrenta; tais exageros desonram a profissão das letras e deveriam conduzir seu autor aos tribunais. Essas invenções gratuitas foram tomadas por fatos reais por muito dos leitores, pois se o público toma os romances ordinários como ficções há uma forte tendência a levar os romances de guerra a sério e como depoimentos. Ele tem razão quando se trata de obras de combatentes como o romance de Jean Bernier, *La perece*, história verdadeira que não quase não difere das memórias



dos *poilus*. Mas quando se trata de obras de civis, o erro do público é completo, engana-o com mentiras audaciosas que se abrigam atrás da independência e da propaganda patriótica. O romance de guerra para os literatos civis é um flagelo da verdade histórica ao mesmo título que as lendas que tento desacreditar<sup>34</sup>. Essa verdade histórica de nossa guerra nós queremos defendê-la perante e contra todos, pois não é uma verdade abstrata, transcendental, ela é marcada na nossa carne, na lembrança de nossos sofrimentos e nossas angústias. Se todos os romances de guerra dos literatos viessem a desaparecer, a arte não perderia nada e a história ganharia força e influência. Unamo-nos contra essa falsa literatura e façamos-lhe uma guerra tenaz. Os *poilus* escreveram muitas das belas páginas de verdade vivida para substituí-la: trata-se apenas de se dar conta que elas existem.

VILLEBOIS-MAREUIL – Entre 1871 e 1914 se encontram as lembranças do coronel Villebois-Mareuil, oficial que renunciou, no serviço dos bôeres durante a guerra sul-africana<sup>35</sup>. Documento precioso por sua espontaneidade não afetada por uma redação posterior, é feito de notas encontradas sobre o corpo do oficial, morto em Boshof, África Austral, em 5 de abril de 1900. Precioso também por seu pano de fundo que nos revela o conflito entre o profissional, saído da Escola de Guerra, imbuído das doutrinas ofensivas de nosso estado-maior, e os generais bôeres, fazendeiros líderes de fazendeiros, combatentes de primeira ordem, de forma alguma militares pelo espírito e os métodos, e que querem chegar à invasão pelos meios que seu bom senso lhes sugere. O sábio oficial francês queria pressionar os ataques ao máximo; desesperado por ver suas opiniões escutadas com deferência mas não seguidas, em seu diário ele acusa seus amigos de inércia, timidez, pusilanimidade, de cegueira... se ele não acrescenta covardia, ele certamente o pensa. Os bôeres levam isso para a defensiva; eles compreendem que a pequena trincheira para atiradores ajoelhados os protege contra a artilharia, que os dois ou três fios de ferro lisos de sua rede é suficiente para cortar o élan de um assalto, que sua qualidade de bons atiradores lhe permite fazer mal ao inimigo, sem quase sofrer eles mesmos. Uma vez que o inimigo adota a ofensiva eles estimam que seria loucura imitá-lo e perder as vantagens enormes da defensiva. Tal é o conflito: de uma parte os princípios abstratos de um militar, cheios de uma ciência escolar que toda as guerras contemporâneas contradizem; de

---

<sup>34</sup> Aqui dois erros inofensivos mas que dizem muito sobre a ignorância do autor. Sobre o terreno reconquistado em Artois, maio de 1915, nossos caçadores colhem o trigo com sua baioneta, o trigo semeado pelo inimigo (Bazin. *Les Nouveaux Oberlé*, p. 279).

<sup>35</sup> Ver em Bibliografia da Introdução.



outra parte medidas que impõem a situação e que adotam dos chefes realistas, habituados a refletir sobre casos concretos, sejam da guerra ou de uma exploração agrícola de um país novo. A leitura desse livro deve nos fazer refletir; ela deve nos obrigar a nos questionar o que os franceses até então não quiseram se perguntar: o que teria acontecido de 21 a 24 de agosto de 1914 se, conduzidos por *burghers* em vez dos nossos generais, as armadas francesas fossem enterradas, apenas a 30 centímetros, fossem protegidas, apenas por um fio liso aqui, por galhos acolá, e tivessem abandonado ao inimigo a iniciativa do ataque, com seu cortejo de fortes perdas, queda moral, perda de confiança na possibilidade de jamais ter êxito contra um adversário que mata e não se matar<sup>36</sup>. A guerra uma questão muito simples, uma questão de experiência, a qual todo combatente pode adquirir. Se tanta gente não compreende a guerra, é porque acredita que ela é uma técnica difícil, que é envolta em mistério. No dia em que ela for compreendida, a paz será assegurada, porque nenhum povo quererá arriscar uma ofensiva condenada ao desastre, sabendo que a vítima se recusa a atacar também, contar-se-á com uma defensiva impenetrável. Esvaziemos nossos espíritos de toda noção tradicional, apeguemo-nos à nossa experiência e veremos claramente o problema mais importante dos homens civilizados. As memórias de antes e depois de 1914. - Assim, de Joliclerc que lutava em 1793 a Villebois-Mareuil que lutava em 1900, temos mais de um século de cartas, diários, cadernos e memórias dos combatentes, tropa e oficiais de tropa. A massa, a verdade interna e externa, o valor documental do conjunto desses testemunhos ficam desconhecidas, porque a mina de informações não foi explorada cientificamente. É uma perda séria para a história militar; uma perda incalculável para a humanidade que se esforça para formar uma opinião sobre o fenômeno guerra. É preciso fazer o inventário dessas fontes, é preciso prepará-los, e depois usá-los. Entretanto, nós temos documentos similares sobre a guerra de 1914-1918, e estes são certamente superiores ao que podemos conhecer hoje de tudo o que os precedeu. Se a armada da Convenção instituiu uma nova era dando nascimento às memórias dos simples soldados e dos oficiais subalternos, a armada de 1914 levou uma revolução mais ou menos igual mantendo na linha de frente, ao lado camponês, do operários e dos pequenos burgueses, a quase totalidade dos intelectuais de uma nação que contavam muito: profissões liberais incluindo o clero, alta burguesia e nobreza cultos, oficiais de carreira bem mais capazes de escrever que aqueles de

---

<sup>36</sup> A defensiva tinha contudo adeptos, muito raros é certo, entre nossos patenteados. O comandante Samuel Bourguet escrevia em 1915: “Tive o sentimento muito fechado que se quisesse e pudesse aplicar as ideias que defendendo há dez anos, os alemães não teriam entrado na França” (aqui em *Cartas*).



Jemmapes e de Waterloo. Desses intelectuais servindo na fileira como soldados e chefes de companhias, de fato, poderíamos esperar bem mais de diários de rota que o diário tão fino de Fricasse. A sua cultura geral eles acrescentavam uma vantagem essencial: aquele de pertencer a uma geração que tinha por trás de si quase um século de romance realista, psicológico e descritivo, relatos de viagens mais honestos que aqueles de Chateaubriand, crítica literária rompida na análise, estudo filosófico feito para promover a independência do pensamento, estudo histórico em que os fatos substituem a tradição, estudo científico que prova o valor da experiência. Uma palavra resume o que todas essas disciplinas ensinam: realismo. Esses intelectuais saberão descrever os espetáculos da guerra, eles saberão analisar seus sentimentos<sup>37</sup>. Esta dupla capacidade é o que distingue nossos escritores do front de seus antecessores.

ARDANT DU PICQ – Nem todos, pois há uma exceção sobre a qual não tínhamos falado. Um único soldado antes de 1914 nos deu a nota de realismo descritivo e psicológico, tão correta, tão plena que a geração de 1914 não a ultrapassou. É o coronel Ardant du Picq<sup>38</sup>, capitão na Crimeia, chefe de batalhão na Síria, tenente-coronel na Argélia, que não conheceu a guerra de 1870 porque ele foi morto já no início da sua primeira convocação. Seu livro *Études sur le combat*, obra póstuma, inacabada, projeto de livro mais que obra redigida, é a obra mais forte, a mais verdadeira, a mais científica jamais advinda de uma pena militar francesa. Esse livro passar por uma obra técnica e não se pensar em assemelhá-la às lembranças do *poilu*. Mas sua técnica é bem nova, é a técnica da psicologia do combatente, a partir da experiência pessoal do autor na Crimeia. Nisso ele se assemelha aos livros dos *poilus*, é o único que se aproxima deles e difere profundamente dos estudos técnicos de Jomini em Foch. Para o combatente de 1914-1918 nada do que foi publicado antes da guerra lhe lembra melhor suas impressões sob o fogo que os *Études sur le combat* que não concordam apenas com sua experiência, mas lhe revelam fenômenos que ele conhecia sem suspeitar, que preservou apenas no subconsciente. Os militares professam admirar Ardant du Picq, mas essa admiração é inexplicável porque todas as ideias, sem exceção, dos *Études sur le combat* são antagonistas dos artigos de fé dos militares.

---

<sup>37</sup> Eu falo aqui daqueles que eram capazes de fazer mais do que os que fizeram tudo. Ver-se-á que muitos dentre eles menosprezaram sua experiência para seguir a corrente da tradição mentirosa.

<sup>38</sup> Ver em Bibliografia da Introdução.



Estes veem no combate dos trabalhadores, do equipamento, uma manobra que constituem uma dinâmica; du Picq vê nisso, sobretudo, o homem de carne e de pensamento, torturado por apreensões, aterrorizado pela invocação da morte e entre os chefes seus sarcasmos visam tanto "o homem da matemática" quanto o "o homem da parada militar" (p. 163, 277, etc.)<sup>39</sup>. Eles acreditam na ofensiva a todo custo, no ataque levado ao máximo até o contato e no corpo a corpo, até nos combates de arma branca; du Picq nega o choque, que seja de cavalaria contra cavalaria, de cavalaria contra infantaria, de infantaria contra infantaria; ele declara o soldado incapaz de chegar até ali porque a carga bem sucedida imediatamente contra um inimigo que se retira ou ela mesma se retira diante de um inimigo que expõe bravamente; em todo caso a abordagem não ocorre porque um dos dois partes evita, esquiva, se recusa, se faz de morta ou se rende se o inimigo não se rende antes, mas nunca se apunham reciprocamente<sup>40</sup>. Eles acreditam que o comandante continua a comandar sob o fogo, que ele

---

<sup>39</sup> “O combatente vislumbrado como ser racional, abdicando sua natureza móvel e variável para se transformar em pião impassível e fazer função de unidade abstrata nas combinações do campo de batalha, é um homem das especulações de gabinete, e não é nunca o homem da realidade. Este é de carne e osso, é corpo e alma; e por mais forte que seja a alma ela não pode dominar o corpo a esse ponto que não haja nela revolta da carne e confusão de espírito face à destruição. O coração humano... é então ponto de partida em todas as coisas de guerra; para conhecê-las é preciso estudar... Nós aprenderemos a desconfiar da matemática e da dinâmica material aplicadas às coisas do combate; a nos proteger das ilusões do campo de tiro e de manobra em que as experiências se fazem com o soldado calmo, ponderado, descansado, saciado, atento, obediente, com o homem instrumento inteligente e dócil em uma palavra, e não com esse ser nervoso, impressionável, emocionado, confuso, super excitado, móvel, escapando a si mesmo, que do chefe ao soldado é combatente... Ilusões contudo, persistentes e tenazes, que sempre reaparecem no dia seguinte dos mais absolutos desmentidos a eles infligidos pela realidade e portanto o menor inconveniente seria praticar o impraticável (p. 1 a 4). – Comparar a opinião de um *poilu* (aqui em *Romance*: Bernier e notas).

“Quando se raciocina em plena segurança, depois do jantar... da guerra, do combate, se sente animado do mais nobre ardor e se nega a realidade” (p. 113).

“As organizações táticas sobre o papel organizam sempre um ponto de vista mecânico, negligenciam o coeficiente essencial, o moral, e quase sempre se enganam” (p. 119).

“A tática é a arte de fazer combater os homens com o seu máximo de energia que apenas a organização pode dar ao encontro do medo. Que não parte dali e faz com que matemática esteja errada. É a ciência soberana da guerra” (p. 145). Ver o argumento do tigre (aqui em *Memórias*: Pastre).

<sup>40</sup> “Nós temos um pouco de confiança absoluta demais *en avant, em avant, pas tant de façons* [adiante, adiante, não importa o modo] (p. 145). Nossa confiança no avante louco tornou-se um fiasco completo (p. 272). A vantagem pertence à defesa completada por movimentos ofensivos feito a propósito... O tiro rápido... torna impossível as cargas da cavalaria... e as cargas da infantaria... que se tornam elas? (p. 167). O choque é uma palavra... jamais, jamais não se encontra duas resoluções iguais face a face (p. 154). Os ímpetos da cavalaria que se encontram é a poesia, jamais a realidade (p. 75). Jamais havia ali o confronto da cavalaria com a infantaria (p. 76). Não há ali confronto de infantaria com infantaria (p. 156). O combate de perto não existe (p. 158). O combate faça a face e corpo a corpo... é excessivamente raro (p. 6). O franco combate não existe jamais (p. 125). A abordagem não é jamais mútua (p. 88). O inimigo nunca fica no lugar, porque, se ele permanece, é você que foge, o que suprime sempre o confronto (p. 153). Desde Guibert, observa-se que as ações de confronto são infinitamente (infinitamente tomado no sentido matemático) raras (p. 126). Com o corpo a corpo... haveria extermínio mútuo, mas sem vencedores... A palavra é portanto bem forte; é a imaginação dos pintores e dos poetas que viu o corpo a corpo (p. 66-67). Os combates com baioneta (em que não se dá jamais um golpe de baioneta) ... (p. 128). O manejo do sabre é tão boa piada quanto a esgrima com a baioneta, tomada no ponto vista de uma utilidade, de um uso qualquer no



tem sua tropa nas mãos, que ele realmente dirige os movimentos, o tiro, o assalto; du Picq afirma que assim que é recrutada uma tropa escapa totalmente do comandante que lidera de longe, apenas os de baixa patente engajados com a tropa conservam alguma ação nela, diminuída, aliás, por sua própria desordem e limitada aos vizinhos imediatos; todos os comandos de tiros são ilusórios<sup>41</sup>. Eles acreditam na virtude do espírito militar que comparam ao patriotismo, eles acreditam na virtude da farda, da pluma, dos galões, das insígnias vistosas, das armas de parada, das evoluções do campo de manobra; du Picq deseja a morte do espírito militar, a simplificação do uniforme, a supressão da pluma; ele não para de ridicularizar os exercícios de parada e as falsas lições de campo de tiro e de manobra<sup>42</sup>. Poderia levar mais longe a análise desses contrastes, mas a citação a seguir os faz compreender todos porque ele aborda o cerne da questão: “De onde vem essa facilidade deles para a guerra sobretudo... que não são de forma alguma chamados a fazer pessoalmente? Dessa poesia que envolve a guerra, o combate, e que tem para nós, duas vezes mais que alhures, o dom de entusiasmar as gentes.

---

combate (p. 236). Quantos são enganados pela fraseologia militar e se figuram um ataque, um levante com a baioneta como uma matança mútua... A palavra baioneta antes da palavra marcha..., nos ilude a cada passo das narrativas (p. 313). Fala-se muito da baioneta, confesso por minha conta, não ter visto dar um único golpe, à noite na trincheira (capitão V., citado por du Picq, p. 367). Os fogos são... o único meio de destruição empregado pela infantaria (p. 277). Os escritores militares não cedem diante da experiência; eles só podem compreender que é uma coisa mais forte que as razões, o instinto do homem que sempre prefere o combate de longe ao combate de perto” (p. 281).

A comparar às narrativas dos *poilus* sinceros, por exemplo Meyer e Naegelen (aqui em *Diários* e em *Romances*). Veja-se as opiniões do general Trochu sobre o tiro e sobre o choque que se aproximam daquelas de Ardant du Picq. “As tropas submetidas à emoção do combate não se ajustam jamais disparando, que se supõe chegadas com algum grau de calma e de solidez. Elas atiram frente à precipitação. Muitos dos homens mal suportam e não suportariam de forma alguma se as sevícias do recuo nos os obrigassem. (p. 179). – A multidão acredita que a cavalaria procede sempre confrontando as massas que lhes são opostas, penetrando-as, dispersando-as pelo arrieto do cavalo e pelo sabre ou a lança. Ela crê ainda que nos confrontos de infantaria contra infantaria os grupos que se encontram se furam com golpes de baioneta em que o sangue jorra” (p. 184). (*A armada francesa em 1867*, Paris, Amyot, 1867, sem nome do autor).

<sup>41</sup> “A direção tende a escapar ao chefe supremo, aos chefes subalternos... Pela força das coisas as batalhas tendem se tornar hoje... batalhas de soldados (p. 89). As batalhas de soldados são bem mais frequentes (p. 112). As batalhas, mais do que nunca hoje são batalhas de soldados, de capitães. Elas o são ainda de fato pois em última análise a execução pertence ao soldado; mas a influência deste sobre o resultado final é mais ou menos grande; daí a verdadeira palavra do dia: Batalhas de soldados (p. 91). O soldado raso de nossos dias uma vez em ação escapa, pela desordem inerente à ação, pela dispersão... ao controle dos chefes” (p. 223). Ver aqui em *Diários*: texto e nota.

<sup>42</sup> [Ver nota 58]. “As armadas são guizos entre as mãos dos príncipes (p. 256). Uma arma é uma coisa monstruosa (p. 259). Quem diz sociedade democrática diz sociedade antipática a quem faz o espírito militar. O ar militar é um ar desconhecido dos romanos. Entre eles, não há diferença entre civil e militar (p. 261). Gasta-se milhões por ano em uniformes, penduricalhos, barretinas, etc... Simplicidade em tudo! Fora as plumas de todo gênero! Menos amadores! Se menos de constrangimento, menos de ostentação, belo infortúnio! (p. 274). A observar que na França nossos uniformes têm cores absurdas. Importa-se apenas com a aparência para uma revista... A calça comprida vermelha se vê de mais longe que a cinza, assim o cinza deveria ser o fundo do uniforme do soldado raso... A noite, na caída da noite, os russos chegavam até nossas trincheiras sem ser visto por alguém graças à sua capa cinza-perdiz” (p. 364, nota; ver aqui em *Souvenirs*: Binet-Valmer e nota).





Seria um serviço a prestar à humanidade, ao seu país, desiludir a esse respeito, mostrar o que são os combates: as pasquinadas, terríveis de fato, por causa do sangue derramado, mas pasquinadas, em síntese, cujos autores, heróis aos olhos da multidão, não são mais que pobres presos entre o medo, a disciplina e o amor-próprio, que atuaram durante algumas um jogo de avanço e recuo (sic), sem jamais se encontrar, se abordar, se ver, mesmo de perto, com outras pobres pessoas tendo tanto medo quanto eles e presos na mesma engrenagem”<sup>43</sup>. (Estudos sobre o combate, página 266).

Esse grande pensador militar é a nosso ver o único técnico que teve a probidade intelectual e a coragem de preferir as lições de sua experiência pessoal do combate às ilusões tradicionais da função. Ele não é conhecido e honrado como merece. Por outro lado, não deve surpreender se seu nome aparece frequentemente nas lembranças dos combatentes da Grande Guerra. É que Ardant du Picq é mais que qualquer outro nosso irmão de armas, viu como nós, sentiu como nós, soube dizer a verdade, por pior que fosse, como os melhores dentre nós<sup>44</sup>. Há dois escritores de sua linha que, ainda que não combatentes<sup>45</sup>, merecem ser mencionados aqui, porque exprimem ideias que complementam aquelas de Ardant du Picq. Essas ideias não poderiam encontrar lugar nos *Études sur le combat* mantidas em forma de rascunho e baseadas sobre uma experiência anterior em 1870. Mas é provável que se du Picq tivesse sobrevivido e adicionasse à sua experiência da Crimeia a experiência mais rica de 1870-1871, ele as teria exposto em uma obra concluída. O capitão Émile Mayer, técnico de artilharia de uma parte,

---

<sup>43</sup> Essa passagem revela em du Picq um apóstolo da paz; veja-se outros exemplos: “O bom francês se deixa levar, entusiasmar, pelas proezas as mais ridículas com a premissa perfeita... É que o homem ama se admirar sua força e sua valentia. Que essa força e essa valentia achem outros meios de se afirmar, ao menos que se mostre à multidão que a guerra não é essa verdadeira medida, que há de mais verdadeiro, de mais alto, e esse ideal terá lugar melhor... Ignora-se qual força está na justiça” (p. 256, 255-256 et 266).

<sup>44</sup> É assim que ele insistiu sobre a importância documental das impressões do soldado raso: “Quem conhece a moral do soldado raso, aquele que é submetido à rude prova, esse conhece a respeito de todos os combatentes (p. 132). É sobre o soldado raso que o combate exerce a maior violação, impressão porque é sempre o mais exposto” (p. 144).

Ele se esforçou por desmentir as proezas lendárias: “Desde as trincheiras de Fribourg até a ponte de Arcole, até Solférino, há uma multiplicidade de proezas, de posições estratégicas de front, que enganam todo mundo, os generais como os bons burgueses, e que fazem fazer sempre as mesmas besteiras. Seria tempo de ensinar as pessoas que as trincheiras de Fribourg não tinham sido estratégias de front, que o ponto de Arcole não tinha sido estratégia de front, que Solférino não tinha sido..., etc. (p. 131) Enfim, é duro para os militares de alta patente cegos às dificuldades da tropa: “Essas pessoas vivem bem: todo mundo faz o mesmo! Eles têm cavalos de elite e bem nutridos que vão para todos os lados: os caminhos são excelentes! Eles nunca ficam doentes: os médicos exageram as doenças! Eles têm médicos e serviços: todo mundo é bem cuidado! Tal coisa se passa, monstruosa negligência, como se vê frequentemente na guerra; com a generosidade da barriga cheia, eles dizem: “Mas isso seria uma infâmia, coisa sem nome, o não admissível, é impossível, etc.” (p. 245). Cf. Morel-Journel, aqui em *Diários*.

<sup>45</sup> Não combatentes, eles negligenciam a psicologia do soldado e por isso sua obra apresenta maior contraste com a de Ardant du Picq.





Jean de Bloch, economista israelita russo, conselheiro financeiro do tzar, inspirador da primeira convocação das nações em Haya de outra parte, tem a grande honra, depois de ter estudado a guerra de um ponto de vista estritamente realista, mas sem fazê-la, de ter chegado até às conclusões que previam com antecedência (de 23 a 27 anos para um, 16 a 23 anos para o outro) o que aconteceu em 1914-1918 para a grande estupefação dos experts militares da Europa. Suas profecias são tão surpreendentemente precisas que permanecem inacreditáveis para todos os que não leram suas obras: as dos artigos de Mayer publicadas de 1888 a 1892 e a obra de Jean de Bloch, cuja publicação se estendeu de 1892 a 1899. Essas profecias não têm qualquer relação com as que se reivindicam com o dom da divinação, da visão adivinhatória<sup>46</sup>; elas resultam da fé de seus autores na ideia fundamental de Ardant du Picq, que se pode conhecer o que a guerra será amanhã fazendo uma pesquisa com um espírito científico, livre das lendas e dos preconceitos militares, pesquisa considerando os detalhes significativos, coordenados, interpretados e levando a conclusões. É o que du Picq exprime nesses termos: “Dir-se-ia que ninguém quer compreender que, para saber o amanhã, é necessário conhecer o ontem, e o ontem não está escrito francamente em parte alguma. Está somente na memória dos que sabem lembrar, porque souberam ver, e jamais falaram<sup>47</sup>... O mínimo detalhe, flagrado em uma ação de guerra, é mais instrutivo para mim soldado, que todos os Thiers e Jomini do mundo, os quais falam sem dúvidas para os chefes de Estado e das forças armadas, mas não mostram jamais o que eu quero saber, um batalhão, uma companhia, um pelotão em ação (p. xi)<sup>48</sup>. Todos os detalhes podendo esclarecer seja da perspectiva material, seja da perspectiva moral da ação, podendo fazê-lo ver de perto, o mais perto possível, são coisas infinitamente mais instrutivas para nós, soldados, que todas as discussões imagináveis sobre os planos e a conduta geral das campanhas dos maiores capitães, sobre os grandes movimentos de campanha de batalha... Certamente não se pode obter todos os detalhes possíveis sobre uma mesma questão. Mas certamente, de uma sequência de narrativas sinceras, deve resultar um conjunto de detalhes característicos, bem apto a mostrar, de uma maneira surpreendente, irrefutável, o que acontece obrigatoriamente, necessariamente a tal ou qual instante de uma ação de guerra, dar a medida

---

<sup>46</sup> *Anticipations*, obra de H. G. Wells, lançada em 1901, muito mais conhecida que aquela de Jean Bloch. Wells leu o autor russo, o nomeia, mas questiona-se se ele leu os artigos de Mayer.

<sup>47</sup> Se du Picq tivesse conhecido as memórias publicadas sobre 1914-1918, ele teria acordado para o que mais de uma boa testemunha falou. Por outro lado, sua frase confirma o que nós pensamos sobre as testemunhas das guerras anteriores.

<sup>48</sup> Comparar o que nós dissemos antes, cap. IV.



do que ora pode ser obter do soldado... e nos adverte contra os métodos a priori, os métodos da escola, pedantes (*Études sur le combat*, página XIII-XIV)

Émile Mayer<sup>49</sup> estudou sobretudo as consequências que devia levar ao emprego das armas de fogo aperfeiçoadas pelo tiro rápido, a pólvora sem fumaça e a grandes distâncias. Ele previa o tiro indireto, a impossibilidade da guerra em campo aberto, a imobilização quase imediata dos fronts, o vazio do campo de batalha onde as armadas são entrincheiradas, invisíveis, a supremacia da defensiva sobre a ofensiva empreendendo uma guerra sem solução por meios puramente militares. É o que a guerra de 1914 provou: durou mais de 4 anos e teria continuado por bem mais tempo ainda sem intervenção dos Estados Unidos agindo menos como agente militar que como agente econômico e sobretudo moral, fazendo baixar o moral alemão e ao mesmo tempo que aumentar o nosso. A esse agente moral se adicionavam outros de mesma natureza: no caso da zona cinzenta, a perda gradual de confiança no seu governo e seus grandes chefes militares que tinham abusado das vitórias brancas e dos triunfos sem efeito, perda da confiança precipitada por nossa propaganda e o progresso das ideias revolucionárias.

O triunfo do método de Mayer brilha na precisão da previsão seguinte: “Representa-se [é o autor que esconde modestamente sob o pronome indefinido] a batalha do futuro contrapondo duas muralhas humanas quase em contato, separadas somente pela espessura do perigo, e essa muralha dupla vai permanecer quase inerte apesar da vontade que se tem de ambos os lados, apesar das tentativas que se fizeram para consegui-lo. Uma dessas linhas buscará, não podendo avançar, ultrapassar a outra. Esta por sua vez prolongará seu front, e isso será um concurso que se estenderá o máximo, na medida que seu efetivo lhe permita... Mas a natureza apresenta obstáculos. A linha parará em um ponto de apoio, em um mar, uma montanha, uma fronteira de uma nação neutra. A partir desse momento não há uma razão para que a luta termine, pelo menos desse lado”<sup>50</sup>. Mas enquanto a obra de Ardant du Picq tem toda a audácia e a franqueza brutal de notas que a redação final não suaviza, os artigos de Mayer, oficial subalterno, são quase obscuros à força da prudência e de considerações a respeito de doutrinas do dia que não ousava bater de frente. Ele está reduzido a prová-las em bloco para

---

<sup>49</sup> Ver na Bibliog. da Intro. E em Cartas: texto e nota.

<sup>50</sup> *Algumas ideias francesas sobre a guerra do futuro*, artigo publicado na *Revue Militaire Suisse*, nº de maio de 1902. A revista reimprimiu, resumiu, em seu nº de 1915. – Se se compara a citação acima àquelas que damos de du Picq (sobretudo aquelas da página 48, em nota), ver-se-á o que distingue cada um dos dez autores: du Picq é um soldado raso que viu o fogo, ele revela a psicologia do combatente e as consequências táticas que dela resultam; Mayer é um artilheiro não combatente que prevê o efeito de.



refutá-las em seguida em seu detalhe. Às vezes ele empresta sua opinião aos que certamente não a compartilhavam: “Ninguém hoje imagina seriamente que a baioneta seja a *ultima ratio* dos combates”<sup>51</sup>. Mas acontece que Mayer louva as doutrinas de seus adversários com uma tal verve que, sob o ditirambo, é a fustigação que aparecer. Depois de ter citado a instrução de 1887 sobre a ofensiva total ele comenta: “Em uma boa hora! Eis os sotaques masculinos, e que é bom enfim de ouvir. Ao invés de uma marcha clandestina e dissimulada de moita em moita, de sulco em sulco, todos de pé e avante! Rufem os tambores! Clarins, toquem seu refrão de batalha: *Tem uma gota para beber lá em cima!* Bandeiras, balancem vossas dobras flutuantes! E todos, à baioneta! Corramos sobre o inimigo e vamos olhá-lo no branco dos olhos, se ele nos der a chance. Mas é muito provável que ele nos recusará o prazer: preferirá nos dar as costas! Nada é mais reconfortante, nada é mais são que essas vigorosas exortações de audácia, temperadas de uma piada”<sup>52</sup>. Essa passagem publicada na *Revue Scientifique* de 23 de fevereiro 1889. Notemos a data para mensurar o mérito de Mayer<sup>53</sup>.

Jean de Bloch<sup>54</sup> apresenta o caso mais curioso dentre os autores dos quais falamos. É em seus escritos que se encontra a imagem mais próxima da guerra que os *poilus* fizeram e, no entanto, Bloch é um civil que nunca usou farda. Esse rei dos caminhos de ferro chegou a ser o homem mais bem informado sobre a guerra tal que ela é graças à extensão e à sagacidade de uma pesquisa como nunca feita antes, nem desde então. A pesquisa com as testemunhas é a ideia essencial de Ardant du Picq, mas ele só a tinha esboçado na data de sua morte e as notas de *Études sur le combat* são apenas esboço do estudo monumental que o coronel preparava. No entanto, Jean de Bloch que cita tantos escritores militares nunca menciona Ardant du Picq; ele poderia conhecer pouco os *Études*, de fato, cuja edição parcial permaneceu desconhecida e cuja edição completa é posterior à sua morte. Mas se ele ignora du Picq<sup>55</sup>, Jean de Bloch se torna seu discípulo mais direto: ele começou a pesquisa com as testemunhas, levou-a até o fim e tirou

---

<sup>51</sup> *Como se podia prever a imobilização dos fronts...*, p. 41.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 49.

<sup>53</sup> Os artigos que Mayer publicou de 1888 a 1892 permanecem quase desconhecidos. Ele publicou extrato deles na brochura: *Como se podia prever...* publicado em 1916, mas esses extratos são muito fragmentários. Interessa que esses artigos sejam editados em extenso a fim de permitir que se estabeleçam os fatos exatos da história das doutrinas de guerra nos trinta anos que precederam 1914. Ver-se-á então que se a doutrina oficial da ofensiva com excesso, da ordem rígida, da preponderância da arma branca triunfante na Escola de Guerra, a razão conservava seu direito graças a qualquer espírito independente, os heréticos realistas.

<sup>54</sup> Ver na Bibliografia da Introdução e Boasson, aqui em *Cartas*.

<sup>55</sup> Ele o ignora evidentemente, pois ele o cita sem duvidar disso, atribuindo ao general Pouzyrevski uma passagem famosa que este tomou de empréstimo de Du Picq e traduziu em russo. Ver Bloch: *La guerre*, tomo 1, p. 619-620: ali se encontrarão as páginas 153-154 de Du Picq que contêm a frase: “O confronto é uma palavra”.



conclusões que previam o que se chamou como as surpresas da guerra de 1914. Ele tinha organizado, digamos, toda a equipe de pesquisadores para examinar os documentos e concentrar os resultados da pesquisa. Sua grande obra em 6 volumes precedeu a guerra sul-africana que deveria lhe dar uma primeira confirmação. Jean de Bloch ali repetia, por conta própria e segundo documentos independentes, as previsões já feitas por Émile Mayer. Mas ele fazia outra que, por si só, bastava para desvendar todo o mistério das guerras que adviriam no início do século 20. Ele previa a paralisação da ofensiva e conseqüentemente o uso generalizado das trincheiras e redes de arame<sup>56</sup>. Vendo seus prognósticos confirmados em Transvaal, ele escreveu cinco artigos de 1900 a 1902 (data da sua morte) em três revistas (uma francesa, uma inglesa, uma americana), para atrair a atenção a atenção do público sobre as ideias que lhe eram caras<sup>57</sup>. Morreu antes das três guerras que deviam, melhor ainda que a do Transvaal, dar uma demonstração evidente da certeza de seu raciocínio: a guerra russo-japonesa, a guerra dos Bálcãs, a guerra de 1914-1918.

Mas por que falar aqui desse homem que não foi nem combatente, nem soldado? Primeiramente para mostrar a origem dos métodos de Ardant du Picq e a fecundidade de seus resultados. Em seguida, para mostrar em Jean de Bloch o exemplo mais convincente da lição que a guerra me ensinou: que a chamada arte militar não tem segredos proibidos aos não-iniciados, sejam eles civis, contanto que se informem pelos métodos de investigação e de pesquisa ratificados por outras disciplinas. Por esses métodos, um civil bem dotado pode

---

<sup>56</sup> Ele protestava contra o ceticismo dos raros técnicos que admitiam o uso de redes pelo inimigo mas que propunham destruí-las por meios pueris: Que significam esses meios de destruição recomendados se eles são bons apenas nos casos em que os inimigos atiram de modo pouco perigoso e se é ameaçado por um tiroteio barulhento mas inofensivo? Tudo isso é completamente incompreensível. E não se explica de antemão o cuidado que põem os autores militares a deixar de lado a questão dos obstáculos artificiais. Em vez de se ocupar disso, eles se esforçam por convencer as tropas que lhes bastará aplaudir para chegar às obras com ousadia e que nada os impedirá de atacar o inimigo com a baioneta”. *La guerre*, tomo 1, p. 617. – Bloch critica, vinte anos antes, nossos métodos de combate de 1914-1915. Cf, aqui em *Romances*.

<sup>57</sup> “A superioridade da defensiva atingiu nos nossos dias um grau muito elevado graças às armas de tiro rápido, à pólvora sem fumaça, ao uso generalizado das trincheiras e das redes de arame farpado... A importância das trincheiras e dos arames farpados é hoje evidente... – Temos tanto fuzis quanto pás, mas estou inclinado a acreditar que das duas ferramentas de combate é o mais humilde e o mais desprezado que é o mais útil (citado de acordo com um general inglês no Orange). Um dos fatos mais marcantes é o pouco efeito do fogo da artilharia sobre as trincheiras... Canhões bôeres ou britânicos, seu efeito sobre as trincheiras era o mais escasso... Em Paardeberg Cronje tinha 4000 homens nas trincheiras; bombardeada por 50 a 100 divisões durante 10 dias, ele perdeu 40 homens... Sem trincheira os ingleses perderam 1500 homens em Spion-Kop pelo tiro de dez divisões... Pouco ingleses puderam ver um bôer... Nem seis oficiais conseguiram ver um em Colenso... Não se viu um único bôer durante o dia”. *Contemporary Review*, ano de 1901, vol. 80. “The day of the bayonet, is over” é a frase que reaparece como um refrão nos artigos escritos por Bloch para as revistas anglo-americanas.



aproximar-se da verdade mais perto que os mais brilhantes professores de estratégia e de tática porque aborda o problema sem ideias preconcebidas e o trata sem ter em vista a maior honra da profissão militar no passado, no presente e no futuro. Os técnicos do ensino militar oficial não mencionam em suas obras nem fronts estanques, nem trincheiras, nem redes; em pleno século XX, preconizam a marcha sob o fogo em grupos compactos, as avalanches com as baionetas, as cargas de cavalaria<sup>58</sup>. Jean de Bloch declarava esses últimos caducos, duvidando mesmo que jamais tenham sido possíveis; em contrapartida, descabelava-se antes com os traços essenciais da guerra que tínhamos realizado. É para se perguntar, por maior que seja o paradoxo, se a França teria sido invadida em 1914 caso em que seus exércitos tivessem sido formados na escola do grade financiador russo. Esse pacifista de gênio tinha compreendido que para matar a guerra seria necessário começar por bem conhecê-la, melhor que os próprios experts militares<sup>59</sup>.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARDANT DU PICQ, Charles. **Études sur les combats**. Paris : Hachette, 1880.
- BARBUSSE, Henri. **Les enchaînements**. Paris : Flammarion, 1925.
- BARBUSSE, Henri. **Le feu** : journal d'une escouade. Paris : Flammarion, 1916.
- BARRÉS, J. B. Auguste. **Souvenirs d'un officier de la Grande Armée**. Paris : Plon, 1923.
- BOUVARD, Henri. **Les leçons militaires de la guerre**. Paris : Masson, 1920.
- CARON, Pierre. **Revue de Synthèse Historique**, tome 33, p. 6-11, 1921.
- COIGNET, Jean-Roch. **Souvenirs d'un vieux grognard par le capitaine J. R. Coignet**. Paris : K. Tallandier, 1912.
- CRU, Jean-Norton. **Témoins**: essai d'analyse et de critique des souvenirs de combattants édités en français de 1915 à 1928. Cressé : PRNG Editions, 2016 [1929].
- FRICASSE, Jacques. **Journal de marche d'un volontaire de 1792**. Paris : J. Dummolin, 1910.
- JOLICLERC, François Xavier. **Ses lettres**. Paris : Perrin, 1904.

---

<sup>58</sup> Ver na Bibliografia da Introdução.

<sup>59</sup> Como Mayer, Jean de Bloch está longe de ter a bela independência, a expressão categórica de Ardant du Picq. Quando ele cita a opinião de experts militares europeus, submete-se a seu prestígio e não ousa recusá-los claramente. Sua opinião pessoal esgueira-se lá onde está menos em destaque. Mas não está clara e o leitor atento poderia apenas enganar-se. Wells leu mal seu autor quando escreveu: "Os ataques de cavalaria seriam suprimidos, contrariamente ao que admite Jean de Bloch..." (*Antecipações*, cap. VI).



*Escritas: Revista do  
Curso de História de  
Araguaína*

*ISSN: 2238-7188  
Araguaína v. 15 n.2: 2023.*

MARBOT, J. B. Marcelin. **Memoires du général baron de Marbot**. Paris : Plon, sans date.

MAYER, Emile. **Comment on pouvait prévoir l'immobilisation des fronts dans la guerre moderne** : l'évolution de l'art militaire. Paris : Berger-Levrault, 1916.

**Artigo recebido em: novembro/2023**

**Artigo aceito em: março/2024**